



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

SUBCOMISSÃO DE CULTURA
COMISSÃO DE FINANÇAS E ORÇAMENTO

PRESIDENTE: ELAINE DO QUILOMBO PERIFÉRICO

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA.

LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo

DATA: 08/09/2022

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Intervenção simultânea ininteligível/inaudível
- Manifestação fora do microfone

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Muito boa noite.

Muito obrigada a todas e todos que vieram. Como Presidente da Subcomissão para Estudo, Análise e Debate dos Projetos de Lei, Programas e Projetos relacionados à Cultura, declaro abertos os trabalhos da 4ª Audiência Pública presencial no ano de 2022.

Esta audiência tem como objetivo debater um panorama do acesso às políticas culturais na cidade, um olhar para o território Oeste e suas periferias.

Informo que essa reunião está sendo transmitida, ao vivo, por meio do endereço www.saopaulo.sp.leg.br/transparencia/auditoriosonline e, também, pelos canais no YouTube e no Facebook da Câmara Municipal de São Paulo, bem como no canal TV Câmara São Paulo.

O convite para esta audiência vem sendo publicado, no *Diário Oficial da Cidade*, desde o dia 3 de setembro de 2022 e divulgado, no *site* da Câmara Municipal de São Paulo, desde o dia 2 de setembro de 2022.

Foram convidados para esta audiência a Sra. Aline Torres, Secretária Municipal de Cultura, que será representada pelos seguintes funcionários que estão presentes: Lígia Jalantonio, supervisora da Supervisão de Formação Cultural; Danilo Montingelli, servidor do Departamento de Museus da cidade; Aurora da Silva Oliveira, supervisora do Núcleo de Casas Cultura e Camila Passos de Siqueira, servidora do Núcleo de Casas de Cultura. Também foram convidados, para outra audiência, os Srs. Diego da Silva França, supervisor de Cultura da Subprefeitura da Lapa; Dayanne Godoi da Cruz Barboza, supervisora de Cultura da Subprefeitura do Butantã; Mestre Dinho Nascimento; Mestre Tião Carvalho; Martha Delbuque Pimenta, da Rede Butantã; Mano Lyee, do Ideologia Fatal e Coletivo Somando na Quebrada; Olivia de Lucas Ferreira, do Fórum de Cultura do Butantã; Lydia Gama, da Marcha das Mulheres Negras; Chicão, do Parque Chácara do Jockey; e Tiago Paixão, do Coletivo Vie La En Close.

Também está presente a Sra. Thalita, Secretária do Secretário Adjunto, Bruno Santos, que está presente só para acompanhar a nossa audiência.

Nós tivemos essa ideia. Na verdade, é uma solicitação antiga para a Subcomissão,

de que pudessem fazer reuniões fora do período normal, que acontece de quinze em quinze dias, às quintas-feiras, às 10h, na Câmara Municipal. Como todo mundo sabe, é difícil para as pessoas acompanharem uma reunião da Subcomissão de Cultura, numa quinta-feira, de manhã, na Câmara Municipal, porque as pessoas, inclusive os trabalhadores da cultura, trabalham em horário comercial. Então, essa sempre foi uma demanda antiga. Eu não podia fazer essas reuniões por conta da pandemia, porque não podíamos fazer reuniões presenciais. E, assim que houve uma abertura na Câmara, nós começamos a fazer esses giros pelos territórios da cidade.

Para nós, é muito importante, sempre foi muito importante, começar esses giros, sobretudo, nas regiões mais periféricas. Obviamente, são as regiões que teriam mais dificuldade de acessar esses espaços na Câmara Municipal e para fazer discussões nesses territórios. Nós já sabemos, de antemão, já acompanhamos a dificuldade do acesso às políticas públicas e aos equipamentos públicos de cultura.

Já quero fazer um agradecimento ao Sr. Danilo, gestor desse espaço, porque tivemos sempre muita facilidade em conseguir conversas. Tivemos uma conversa muito tranquila, e conseguimos realizar essa Audiência Pública na Casa de Cultura do Butantã, o que não conseguimos em outros territórios. Nós tivemos dificuldade em acessar outros equipamentos públicos da Secretaria Municipal de Cultura. Então, esse é um ponto, uma questão. Então, já quero deixar, publicamente, um agradecimento para o Sr. Danilo, que fez essa conversa atenciosa e prestativa conosco.

A ideia desta audiência, no Butantã, é que circulemos por toda a cidade. Nós começamos em Cidade Tiradentes. Foi, também, para o território Noroeste, em Perus, e também para o Campo Limpo; e, agora, estamos vindo para a Butantã, e a ideia é que circulemos mesmo – pela cidade inteira –, em todos os territórios da cidade, nesse primeiro ano de audiência pública. E vir para cá, para o Butantã, há uma questão importante para nós, porque, muitas vezes, entendemos o território Oeste ou o vemos, praticamente, só como Butantã e Pinheiros, talvez.

Então, a nossa ideia, hoje, era conseguirmos discutir, também, quais são as questões relativas às periferias, que estão no território Oeste. Como fazemos essa discussão e integra

essa discussão ao território Oeste? Já é um território notadamente reconhecido pela sua efervescência cultural, mas, para nós, também é importante saudar a cultura que acontece nesses territórios periféricos.

Nós chamamos à Mesa, e estarão conosco, o Mestre Tião Carvalho, que desenvolve um trabalho importante ali, no Morro do Querosene, para fazer essa discussão sobre o território. Há vários outros grupos e várias outras atividades culturais que acontecem na Zona Oeste.

Nós faremos o convite à Mesa, mas, antes, eu gostaria de fazer um convite a outro mestre, bem importante nesse território, que é o Mestre Dinho Nascimento, que fará uma recepção para nós.

Seja muito bem-vindo, Mestre. Queria convidar o senhor para começar com os toques, para começarmos essa noite do jeito que nós gostamos de ver, do jeito que a cultura gosta de começar as suas atividades.

Então, fizemos a abertura regimental e, depois, fazemos a abertura que a cultura gosta de fazer.

Muito obrigado, Mestre. (Palmas)

- Apresentação musical.

O SR. MESTRE DINHO NASCIMENTO – Boa noite. (Palmas)

A SRA. MARIA CECÍLIA PELLEGRINI - Vidal França que cantava essa música, e o autor é...

O SR. MESTRE DINHO NASCIMENTO - Josias Sobrinho. E essa música tem muito a ver com esse momento, com todos os momentos. Grande Josias Sobrinho, maranhense. E o Vidal, com quem eu tocava junto.

A SRA. MARIA CECÍLIA PELLEGRINI - Mas a introdução, “vamos pedir o Axé”, é de um mestre de Capoeira, chamado Acordeon. Bira Acordeon.

O SR. MESTRE DINHO NASCIMENTO - Mestre Bira Acordeon. Isso mesmo.

A SRA. MARIA CECÍLIA PELLEGRINI - Quer dizer, é uma música mais longa, que nós pegamos apenas um pedacinho e juntamos a outra.

Agora, vamos cantar uma música que surgiu durante a pandemia. Em frente a nossa casa, há uma amoreira, e nós, somente dentro de casa, sem contato com nada, víamos as crianças e os passarinhos que apareciam para pegar as amoras na calçada. Disso, nos inspirou a música, que é do Dinho.

O SR. MESTRE DINHO NASCIMENTO - Apesar dos momentos difíceis, temos que ter amor sempre.

- Apresentação musical. (Palmas)

O SR. MESTRE DINHO NASCIMENTO - Muito obrigado, Cecília, parceira. Antes de mais nada, temos de agradecer por estarmos presentes. Gratidão é o que eu digo. Obrigado e Axé. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) - Ficamos encantados com o som do berimbau. Obrigada, Mestre.

Como temos por costume fazer, haverá uma rodada com algumas pessoas que nós convidamos para abrir a audiência pública. Depois, fazemos outra rodada, com o pessoal da Secretaria, que vem acompanhando todas as audiências até hoje. E, em seguida, os inscritos. Peço, inclusive, a quem quiser se inscrever, que se dirija até aqui, com a Yoshime e com a Karen, da Secretaria da Câmara. E quem estiver, eventualmente, acompanhando através das redes sociais, pode se inscrever, também. As inscrições já estão abertas a partir de agora. Depois de um tempo, encerraremos as inscrições.

Quero, já, convidar o Mestre Dinho Nascimento para estar conosco, nessa primeira rodada da Mesa. A Sra. Martha Delbuque Pimenta, Rede Butantã. Podem aplaudir pessoal, gostamos de aplausos. (Palmas)

O Sr. Mestre Tião Carvalho. O Sr. Mano Lyee, do Ideologia Fatal e Coletivo Somando na Quebrada. Ele estava aí. (Pausa). Daqui a pouco, ele chega. A Sra. Olivia de Lucas Ferreira, Fórum de Cultura do Butantã. A Sra. Lydia Gama, Marcha das Mulheres Negras, por gentileza. E o Chicão, do Parque Chácara do Jockey, por favor: pode vir ficar conosco. E o Tiago Paixão, Coletivo Vie La En Close. (Palmas)

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) - Tiago, por favor, sente aqui, para poder aparecer na tela. Por favor.

Obrigada a todas e todos. Costumo tentar falar pouco, embora eu fale muito, mas queremos ouvir mais as pessoas que estão na audiência. Vamos começar, então, já com as apresentações iniciais com as pessoas que estão à Mesa.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) - Ah, perfeito, para o enquadramento.

Quero agradecer o grande apoio do pessoal da TV Câmara, para conseguir que as pessoas não presenciais possam também acompanhar a audiência via rede. Eles têm todo um esquema para transmitir ao vivo, por isso o enquadramento e, também, por organizarmos duas rodadas da Mesa, porque nós sempre convidamos bastante gente.

Então, mais uma vez, quero agradecer a todas e todos que estão conosco para essa conversa e debate. Vou pedir falas de cinco minutos para todos, assim conseguimos colocar os temas em debate. Depois, faremos uma rodada, convidamos o pessoal da Secretaria à Mesa para que também consigam responder o que for colocado.

Seguindo a ordem, começaremos com o nosso Mestre Tião Carvalho. Obrigada, Tião.

O SR. MESTRE TIÃO CARVALHO - Muito obrigado. Muito boa noite a todas, todos e todes presentes.

Sou Tião Carvalho, para quem não me conhece, sou da região, atualmente. Na realidade, sou maranhense, mas radicado há 42 anos em São Paulo, exatamente no Morro do Querosene. Sou músico, cantor, educador, capoeirista. Sou Mestre de Capoeira pelo Grupo de Capoeira Angola. Minha fala vem nesse sentido.

A minha última empreitada foi me candidatar, na eleição passada, ao cargo de Vereador pelo PC do B. Não fui eleito. Tudo bem, também, mas quero dizer que para mim, estar

ou não político, o importante é saber como contribuir com a cidade, com a região, com o Estado, com o Brasil, com nós mesmos.

Não trouxe fala pronta. Estou chegando de viagem. Foi tão de repente, que quase desço aqui. Meu voo passou e eu cheguei atrasado, porque tivemos que ir até o aeroporto. (Risos). Ainda estou meio no ar.

Vim muito nesse sentido: saber o que estamos precisamos para ver o que eu posso fazer, para o que vocês vão precisar da minha pessoa, da minha comunidade e da minha família. Tudo para que possamos somar. MUITÍSSIMO OBRIGADO. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada, Mestre. Queria chamar a Sra. Martha Delbuque Pimenta, da Rede Butantã, por favor.

A SRA. MARTHA DELBUQUE PIMENTA - Boa noite a todos.

Quero agradecer muito pelo convite. Queria explicar que eu não sou, exatamente, uma pessoa da cultura, então, não vou concorrer com isso, mas acho que o convite foi feito porque sou muito ativa no Butantã.

Moro aqui há muitos anos, cresci no Butantã. Participo da Rede Butantã já há mais de 20 anos, que é justamente o tempo em que ela existe. É uma rede absolutamente informal, que se reúne todo mês. É uma rede aberta. Nós nos reunimos presencialmente agora, depois do momento de pandemia, quando fazíamos reuniões só virtuais, mas agora mantemos a virtual, uma vez por mês, e também a presencial.

Por conta disso, por morar aqui, sou professora, dei aula no Estado durante muitos anos, sempre dei aula no Butantã, por isso conheço bastante a região. Queria falar só um pouco da região, que é a Subprefeitura Butantã – não só o bairro do Butantã, mas a Subprefeitura, que possui cinco distritos - Butantã, Morumbi, Vila Sônia, Rio Pequeno e Raposo Tavares. E temos, nessa Subprefeitura grande, além de cerca de 500 mil habitantes, uma desigualdade social muito clara. Vejam: temos o Morumbi, a Vila São Francisco, o Parque dos Príncipes, a Cidade Jardim, mas, ao mesmo tempo, temos um número muito grande de favelas, ocupações, de comunidades com invasões, e, infelizmente, mais recentemente, um aumento crescente, também, de pessoas

em situação de rua.

Então, temos, assim, um retrato do nosso país. Extremamente desigual, mas, também, extremamente criativo, amoroso e com potencial muito grande.

Portanto, na nossa rede, procuramos, especialmente, focar nessas áreas mais periféricas e mais pobres, e, também, nesse potencial de trabalho.

Outro problema que temos é que nessa área tão grande, nesse território tão diferenciado, temos uma dificuldade muito grande de mobilidade. Há muitos anos, nós fazemos reivindicações de linhas de transporte público que liguem o próprio Butantã, porque temos eixos que não se conversam.

Vamos pensar: temos Francisco Morato, Eliseu de Almeida, Corifeu de Azevedo Marques, Escola Politécnica e Vital Brasil; são vias de tráfego intenso e o trânsito, de uma para outra, é muito difícil.

E os equipamentos culturais públicos estão, se formos fazer um levantamento, todos no Distrito Butantã. Temos a USP dentro do Distrito Butantã. E temos ainda: a Casa do Sertanista, a Casa do Bandeirante, a Biblioteca, a única Biblioteca Municipal do Butantã está no Distrito Butantã.

É um grupo de equipamentos - aliás, a própria Casa de Cultura, que fica bem na divisa do Butantã com a Vila Sônia, Distrito Vila Sônia - todos muito mais em áreas centrais e, não por isso, em áreas de fácil acesso. Não é fácil chegar a eles. Esses lugares, inclusive, não são nem sempre muito conhecidos.

Por exemplo, a Biblioteca que é uma Biblioteca que possui um trabalho intenso e é muito legal, é pouco conhecida. Ela fica dentro do miolo do Bonfiglioli. Eu conheço muitas pessoas que nunca foram. Todo mundo conhece a caixa d'água. A Biblioteca fica ao lado e as pessoas não a conhecem.

Temos, na rede, uma carta aberta de reivindicações, que não vou ler agora, mas há uma série de reivindicações de cultura que gostaria de encaminhar para cá. Não vou ficar lendo, porque realmente é muito chato, mas qualquer pessoa possui acesso. Está na internet, no

endereço www.redebutanta.com.br/carta. Vocês entram na carta, onde há demandas e características de várias áreas – inclusive, da cultura.

Mas eu queria destacar a importância de investimento em equipamentos, em áreas mais periféricas e não obrigatoriamente com equipamentos, embora em alguns locais, por exemplo, na Cohab Raposo, há um terreno, destinado ao Espaço Cultural Cachoeiras, que existe há 20 anos e que é realmente um espaço, pois não há construção alguma. Então, é importante a destinação de verbas para melhorar espaços e criar equipamentos.

Mas devo lembrar também que o Mano Lyee - que não sei onde está -, sempre fala, que é o ponto da melhoria de praças, e a disponibilização de praças e parques para atividades culturais. Nós temos muitas iniciativas de artistas locais, eu acho que nossa Subprefeitura é privilegiada, pois há muitas pessoas talentosa, o próprio Morro do Querosene é uma efervescência de talentos, que nós admiramos, mas nós temos, também, em muitos outros lugares na periferia, fortes atividades culturais que precisam ser prestigiadas e apoiadas.

Desculpem, muito provavelmente estourei muito meu tempo, mas obrigada pela oportunidade. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Agora, vamos ouvir o Mano Lyee. Não está? Achei que estava, vi quando ele chegou. (Pausa). Então, por favor, a Olívia.

A SRA. OLÍVIA DE LUCAS FERREIRA - Boa noite.

Queria pedir benção aos mais velhos, Mestre Tião e Mestre Dinho, que estão à Mesa. Também aos mais novos, para começar a fazer minha fala. Obrigada.

Começo falando do aspecto cultural do território, do Butantã. Não da Zona Oeste como um todo, mas do Butantã. Só o que existe de grupos – passando por cima da minha fala, que eu até preparei –, além dos grupos de cultura tradicionais: há Boi, há Capoeira, há Coco, Maracatu, Catira; vários outros grupos, bem como Coletivos Teatrais de dança, sejam de dança afro, dança de rua, de *street dance*, tudo dentro do Distrito do Butantã. Há vários grupos de dança, de circo – Coletivos de Circo –, ateliês de artes plásticas, produtoras de audiovisual, há

estúdios de música, grupos de Samba, Forró, Choro, Rap, Hip-Hop, Sound System, Funk, blocos de Carnaval – aliás, mais de um bloco de Carnaval existe por aqui, só nesse bairro.

Além desses grupos, enquanto artistas e coletivos, também há os espaços independentes, que abrem, fecham, alguns que resistiram à pandemia, alguns que não, infelizmente, tais como CBB – há um amigo, que está presente, que está representando esses espaços e falará sobre. Há vários outros que fecharam e não conseguiram resistir, pois não temos incentivos para esse tipo de situação.

Também, há tantos outros que estão na luta. Por exemplo, o Ponto de Economia Solidária que também permanece à cultura, e ele intercala com a Saúde, mas está sob ameaça do Instituto Butantã para fechar. Seria importante, todo mundo que estiver presente, que estiver assistindo, que pudesse acompanhar essa luta pela resistência e pela permanência do Ponto de Economia Solidária.

Ademais, queria falar um pouco, de forma mais genérica, que a cultura é sempre entendida como só a arte. Só os artistas, mas a cultura não é só dos artistas. A cultura é de todo mundo, de todas as pessoas. É um direito constitucional. É um direito do ser humano, está nos Direitos Humanos mesmo, tipo: aprender a cozinhar com a minha avó é uma questão cultural. Aprender a trançar meu cabelo. Aprender sobre as roupas que eu visto.

Tudo isso abarca a questão cultural e eu acho que a cultura deve ser entendida dessa forma ampla, não só como evento, não só como espetáculo, não só como show. Ela tem de ser entendida como um direito individual de todas as pessoas, que têm direito a exercer e a ter cultura. Isso também é uma questão de resistência.

E uma das formas de expressar essa defesa é a participação popular na implementação e acompanhamento das políticas públicas. Então, as ações como esta Audiência – inclusive, Elaine, muito obrigada pelo convite e pela iniciativa –, são muito importantes para podermos falar com os legisladores sobre as políticas que gostaríamos de que fossem implementadas e as que questionamos e criticamos.

Outra forma de participação popular, que eu também quero recordar, é a Conferência

Livre e Popular, que aconteceu durante a pandemia, não só no Butantã, onde nós fizemos uma pré-conferência com 53 participantes, mas, também, no nível da cidade, com mais de 30 pré-conferências – tudo organizado durante a pandemia, com muita participação. Nessa conferência, houve as demandas do território e sobre algumas delas, eu vou comentar, rapidamente. Houve 899 propostas, que saíram dessa pré-conferência que aconteceu e foram entregues, tanto à Câmara dos Vereadores como à Secretaria de Governo e à Secretaria Municipal de Cultura.

Eu gostaria muito de pontuar que a Secretaria, na pessoa da Secretária Aline, nunca nos retornou ou devolveu qualquer resposta a respeito desse documento, que são demandas da cultura do território. Nós ainda aguardamos essa resposta da Secretaria. Outra ação, que nós também reivindicamos como movimentos culturais, é, por exemplo, a implementação do Conselho Municipal de Cultura, que é importante, ainda mais neste momento em que a cultura, em que as Leis Aldir Blanc e Paulo Gustavo estão sendo atacadas, e a implementação desse tipo de dispositivo é muito importante para conseguirmos ter um diálogo e reivindicar a manutenção dos nossos fazeres.

Nós, do Fórum de Cultura, juntamente do Nelson Conde, a Li, o Pedro Guasco, temos reivindicações que permeiam tanto os movimentos culturais como o Fórum de Cultura do Butantã; como, por exemplo, a revitalização dos espaços culturais – fazendo coro com a Martha –, porque é muito importante fazer cultura nesses espaços, ter a possibilidade de uso deles, e a implementação de novos equipamentos culturais em locais periféricos, porque nem sempre as pessoas têm acesso à Casa de Cultura do Butantã, e elas precisam de ter um equipamento próximo dos seus bairros, porque o Butantã é muito grande.

Também reivindicamos o reconhecimento dos espaços periféricos da Zona Oeste para políticas de fomento e editais, porque o alto IDH do Butantã impede que grupos periféricos do bairro do Butantã consigam acessar o VAI ou o Fomento à Cultura da Periferia. Eles fazem parte do Butantã, mas são lugares como São Remo, Sapé, que são locais periféricos de alta vulnerabilidade, que não conseguem ter acesso a esses fomentos por causa do IDH da cidade. Então, um olhar mais apurado para essa realidade do bairro é importante.

Reivindicamos, ainda, a melhoria do acesso à internet, ao *wi-fi*, porque, durante a pandemia, foi tudo muito perceptivo o quanto a falta de acesso à internet e a equipamentos para acessar as redes impediu que as pessoas conseguissem se inscrever na Lei Aldir Blanc para conseguir o auxílio emergencial, por conta de não ter mais eventos e tudo ser suspenso; acesso, inclusive, ao dinheiro do Auxílio Brasil, que as pessoas tiveram muita dificuldade para poder acessar, porque não tinham acesso à internet, não tinham computador, nem celular.

Eu quero pontuar sobre a implementação do Polo de Cultura da Chácara do Jockey, que é uma reivindicação do Fórum de Cultura do Butantã. Já existe um plano e uma rubrica no Orçamento, só que ela está estacionada. Mas existe, sim, um grande esforço do Fórum de Cultura do Butantã, na figura do Pedro, para tentar dar andamento a esse projeto, que é um espaço enorme e muito bom, dentro do parque, que pode ser um equipamento muito importante para a cultura.

Agora, são as reivindicações dos movimentos culturais da cidade de São Paulo: aumento do orçamento para 3% – aquela velha história, sendo, obviamente, metade para a periferia, e isso nós nunca vamos deixar de falar – e a implementação do Conselho do Plano e do Fundo Municipal de Cultura o quanto antes.

Eu acho que já falei o bastante. Eu quero agradecer a todos, à Elaine e agradeço o espaço. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada, Olívia.

Tem a palavra a Lydia.

A SRA. LYDIA GAMA – Boa noite.

Meu nome é Lydia, sou uma mulher negra, não retinta, tenho cabelos cacheados na altura dos ombros, que estão soltos e estou usando uma blusa com estampa de leopardo; por baixo, eu estou usando uma blusa preta, de gola alta e eu vim com a Marcha das Mulheres Negras de São Paulo. Eu sou uma brincante da cultura popular, eu sou uma artesã que faz *abayomi*, credenciada por São Paulo, e eu sou moradora do bairro; morei 14 anos no Ferreira e subi para o Monte Kemel, onde estou há mais de 20 anos.

Eu estou presente como Marcha, como movimento basilar, do qual eu faço parte, para mostrar o quanto a cultura realmente muda vidas e, também, o território. Eu estudava no Lar Escola João XXIII – uma escola de freira. Em um belo dia, as freiras resolveram colocar uma Capoeira na escola, e eu comecei a jogar Capoeira, lá. Sendo eu fruto de um relacionamento inter-racial, de mãe branca e nada a ver com religião, com um pai evangélico, de uma região da Zona Norte – a minha vida não tinha nada a ver com a Capoeira.

Enfim, foi na escola de freira que eu consegui acessar a ancestralidade e aquele momento mudou a minha vida. Depois de alguns anos, eu conheci o axé e, hoje, eu sou umbandista, por conta da Capoeira. Podem ter certeza de que não foi só a minha vida que mudou. O Paulo, que está na minha frente, é meu irmão de Capoeira, meu irmão de fé. (Palmas)

Hoje, ele é formado em Educação Física e é, também, outro oficineiro desta Casa de Cultura: um lugar onde nós iniciamos, fazendo muitas apresentações, inclusive, de Maculelê, com o Contramestre Kizomba. Também, neste lugar, há não muito tempo, eu fiz a minha primeira exposição, depois que eu conheci o desenho. Foi o San Merg, que é dos quadrinhos e que estava por aqui, que me deu um quadrinho do conto dos orixás. É importante que eu diga isso, porque esta Casa de Cultura abrange muitas linguagens. Da mesma forma em que um dia eu joguei Capoeira, onde eu iniciei o meu trajeto nos movimentos negros, por meio da cultura antirracista, eu também conheci os quadrinhos, que é um mundo muito louco, porque eu o conheci por meio dos contos dos orixás. Mas é uma imensidão, como a cultura gorda e a cultura LGBTQIA+.

Eu trouxe isso, justamente, para nós entendemos o quanto é importante termos uma Casa de Cultura. Um irmão meu, de luta, está há 30 anos lutando por uma Casa de Cultura no seu território, e nós estamos presentes há 30 anos, ainda como Butantã. Mas nós temos que levar em consideração, o Jardim Jaqueline, um pedacinho do Jardim Colombo, o Moro do Querosene, entre outros lugares do Butantã, que ainda não têm nenhum ponto de cultura. É importante entendermos o quanto nós somos privilegiados e o quanto temos a responsabilidade, também, de olhar pela cultura em todos os territórios, inclusive no nosso. Só que o nosso não é só aqui, porque são 30 anos da Casa de Cultura do Butantã com uma grande estrutura, uma

estrutura extremamente boa.

O Sandro é um dos que trazem a cultura dos quadrinhos, e eu trouxe isso, justamente, para vocês entenderem o quanto faz parte a cultura, o quanto a cultura muda a vida das pessoas nos territórios. Eu estava em uma escola de freira e, por causa de uma aula de Capoeira, hoje, eu estou no movimento negro e já viajei pelo Brasil por conta dos movimentos negros. E é por isso que temos que trazer isso, e não só aos pontos de cultura; temos que lutar para levar para as escolas, porque a escola também é um ponto de cultura. A escola educa através da cultura, e é por isso que eu trouxe isso aqui.

Nós temos ainda baias na Chácara do Jockey. Eu moro em frente à Chácara do Jockey. São anos de luta e nós ainda temos baias. E, detalhe: nós temos um ponto de cultura lá. Mas o Chicão, que está presente, vai falar mais sobre isso, porque ele é bem mais informado sobre o assunto.

Eu vim, a esta audiência, como moradora da quebrada, como usuária da cultura e uma fazedora de cultura, para dizer que a nossa cultura importa. E nós, como fazedores de cultura, temos a obrigação de levá-la para os cantos: tanto os da quebrada, como os de fora. Temos que lutar por isso, porque há muita gente que está numa luta ferrenha para ter um único ponto.

Eu também trago uma denúncia sobre os movimentos SOS Casas de Cultura. É uma questão muito certa quanto à privatização da Casa de Cultura. Eu não trago o mérito, porque todo mundo possui o direito de pensar o que quiser, se concorda com uma privatização, se concorda com uma gestão compartilhada ou se não concorda com nada, e o Poder Público tem que continuar arcando. Só que algo é consensual e, se não é, deveria ser: a transparência do Poder Público com o cidadão. Porque precisa de haver conversa. A Secretária limitou e não está conversando com os fazedores de cultura. Ela está em grandes eventos, e cultura não é feita de grandes eventos. Então, sente conosco, Secretária.

Muito obrigada. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada, Lydia.

Agora eu peço, ao Mano Lyee, que sente conosco, aqui. Seja muito bem-vindo! Tem a palavra.

O SR. MANO LYEE – Salve, salve! Boa noite a todos e a todas.

Estamos juntos. É uma imensa, mega, hipersatisfação estar presente. É muito importante que essas plenárias venham até o território, e eu até sugiro que, em uma próxima oportunidade, elas cheguem também às quebradas, porque nós estamos passando por um momento muito sensível, em que a classe cultural foi a primeira a parar e a última voltar, e essa volta foi muito confusa. Uma salva de palmas a todos os irmãos e irmãs que se foram com esse desejo, de ter uma responsabilidade com a cultura. (Palmas)

O Butantã tem favela, sim; o Butantã tem quebrada, sim; o Butantã tem cultura, sim. Eu quero trazer um pouco à tona a verba do Circo Escola. Aproveito para dar um salve a todos os movimentos pela volta do Circo Escola São Remo. (Palmas)

É uma luta constante pela verba que foi para a Secretaria de Cultura, mas nada foi feito. A cultura resiste, e o Butantã tem muitas quebradas que têm visibilidade; outras, nem tanto, como Sapé, Vila Dalva, Jardim D'abril, Comunidade 1010, São Remo – “da hora”, minha quebrada. São muitas as quebradas que não têm visibilidade, que não são assistidas, que não têm acesso sequer a ônibus ou Uber, mas que têm movimento cultural acontecendo. Por isso, é importante que a Secretaria também vá lá, visitar quem trabalha. Muitos coletivos têm privilégios, mas a cultura também deve chegar aonde a informação não chega, porque quando ela chega, o nosso povo se instrui e se informa.

É sobre uma luta que eu travo, desde a época em que tínhamos que brigar na Subprefeitura, para que a Casa de Cultura tivesse um palco – porque todos os movimentos tinham um palco, mas o *Hip-Hop* nunca teve –, eu pergunto por que não existe uma Casa de *Hip-Hop* na Zona Oeste, por que não existe uma Fábrica de Cultura na Zona Oeste? Eu destaco o Mês do *Hip-Hop* e faço a ressalva de que é importante que a Secretaria de Cultura se interligue com a Diretoria Regional de Ensino, principalmente a do Butantã, que é muito conservadora, e o *Hip-Hop* é um instrumento de reflexão e de transformação, mas ele não tem acesso à Diretoria

Regional de Ensino do Butantã. É preciso quebrar essas barreiras, porque – vou dar um exemplo clichê –, quando temos um limão, nós fazemos uma limonada.

Com o Projeto Somando na Quebrada – e aproveito para dar um salve para o DJ Rick Brasil, para a Michelli Sharon, para a Pieretti Produções e para o Black Nandão –, nós tivemos acesso às escolas. Com muita luta, eu consegui chegar ao território *Hip-Hop* e, com esse limão, eu bati em porta de escola, de diretor, para levar cultura para dentro da escola, porque o *Hip-Hop* apoia causas, é uma voz dentro das quebradas, e é preciso que ele trabalhe interligado com a educação – o *Hip-Hop* transforma.

Quando chegamos com o aval da Secretaria de Cultura, muda tudo, porque quem está na Diretoria de Ensino é obrigado a nos engolir, porque o nosso trabalho é causa e efeito. Então, quando chegamos com esse aval, é importante dialogar, porque o *Hip-Hop* não é só pular, saltar; é transformação. *Hip-Hop* não é só olimpíada, é aquela pessoa que trabalha na base e que não tem visibilidade, que não possui um carro do ano, mas que está todo dia ensinando para a molecada o que é o *Hip-Hop*, que é vencer, que é você lutar pelos anos 90.

Então, isso é muito importante o acesso à informação das quebradas menos assistidas, que têm menos visibilidade; a importância do *Hip-Hop* nas escolas, de interligar esse sistema, que é muito importante. O máximo respeito aos não pretos, mas uma coisa é chegar um preto, favelado, sobrevivente. Eu sou o Mano Lyee, cisgênero, casado, pai de seis filhos, luto pela cultura *Hip-Hop*, já apanhei da polícia para caramba por andar de calça largada nos anos 90, quando o chicote estralava. Foram vários os motivos que fariam parar com o *Hip-Hop*, mas algo me movia. Apesar de todo o desânimo que o sistema, às vezes, proporciona, é bom saber que somos espelho para alguém que se vê perdido, não sabe o que é e não é compreendido, que por muitas vezes se sente sozinho na multidão, onde as viagens nos levam sem rumo e sem direção. O vento é forte, o vendaval é pesado e, se não fincar o pé, o vento arrasta, porque a sua voz foi calada, mas jamais será silenciada e representava cada quebrada, liderança nata, cria da ralé, sobrevivente da maré, sobrevivente para vários pretos e pretas de fé. Um Salve Marielle presente, guerreira de fé! *One, two, three*, Mano Lyee.

Obrigado. (Palmas)

Comprem livros. Obrigado, Jennifer, pelo convite. Obrigado, Danilo. Uma salva de palmas a toda essa bancada. É um orgulho máximo estar presente. Precisamos nos unir. Butantã tem favela, sim. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada, Mano Lyee. Mandou uma letra.

Tem a palavra o Mestre Dinho Nascimento.

O SR. MESTRE DINHO NASCIMENTO – Meu Deus! O rapaz começou dali, veio para cá, só na pancada boa. Eu tive que escrever, e a parceira Cecília também me ajudou, porque senão eu ia passar batido. Mas foi bom eu ter ouvido primeiro essas figuras, todos do nosso clã, da nossa veia, do nosso quilombo. Nós estamos em casa, mas é bom o povo começar, assim.

Laroyê, Okê, Arô, Motumbá, Totô, aleluia, Saravá – para quem é de Saravá – Namastê, Salamaleico, Epa Babá, Odojá, Abya Yala, Tupã, Axé, amém, Agô.

Antes de mais nada, eu sei que eu vou repetir algumas coisas, mas eu vou firmar o martelo. Vidas importam, sim. Vidas importam. Vidas pretas e indígenas também, e muito.

A colonização ainda não acabou. Eu estou com mais de 70. Peguei colonizações lá atrás, mas a colonização ainda não acabou. Nós precisamos descolonizar, ficarmos mais livres, independentes. Independência e liberdade, sentimentos a todos e a todes.

Ele já havia falado, aqui, de algumas perdas. Era para termos mais pessoas presentes, que poderiam somar, mas que estão em outro patamar, por causa desta pandemia, esse holocausto. O holocausto.

Quero dizer o seguinte: meus sentimentos a todos.

E, ontem, tivemos mais uma perda. Perdemos, ontem, o Artista Plástico Emanuel Araújo. Uma salva de palmas. (Palmas)

Tive a honra de conhecê-lo e estar lá, na Pinacoteca, Acervo Afro-brasileiro. Para quem não conhece o acervo, vá ao museu.

Eu fui convidado por integrantes do Quilombo Periférico para participar desta Mesa, desta Audiência Pública da Subcomissão da Cultura, da Comissão de Finanças e Orçamento da Câmara Municipal de São Paulo. Um olhar para a cultura da Zona Oeste.

Resido no Morro do Querosene há muitos anos, há mais de 40, na Vila Pirajussara, Butantã, Zona Oeste da capital, com a minha parceira, Maria Cecília, que está presente, também, ativa, guerreira. Lugar, também, onde nasceram e foram criados os nossos filhos, que são continuidade. Eles perambularam, aí, e são eles que, também, vão seguir.

A Zona Oeste é muito rica de artistas, de manifestações culturais. Faltam espaços para acolher toda a produção artística e cultural da região. Ainda falta espaço. Antigamente, os CEUs abriam espaço para a música, teatro, exposições, encontros e festivais. Hoje, não é tão bem assim, mas os CEUs ainda estão lá. Ainda bem. Por outro lado, as Casas de Cultura se desenvolveram e estão mais ativas, como é o caso desta Casa de Cultura do Butantã, da qual participo desde a sua criação. Sou testemunha viva disto. Trinta anos, parabéns. E hoje, Danilo, como muitos ilustres diretores que passaram por aqui, muitos, com o maior respeito temos, hoje, o Danilo. Espero que ele dê continuidade a esse acervo. (Palmas)

Obrigado, Danilo. Abrindo mais espaço para quem chegar.

O Morro do Querosene é um efervescente núcleo cultural, que abriga e recebe mestres e manifestações culturais vindas de vários lugares. Isso é real. Em suas ruas, acontecem Bumba Meu Boi, Capoeira, Maracatu, Afoxé, Forró, Feiras de Arte, Lavagem do Morro, Carnaval. Em suas ruas, as pessoas se encontram, conversam, crianças brincam, ainda. Digo “ainda”, porque em outros lugares, não há mais isso.

Na década de 90, vários artistas, moradores e frequentadores do Morro do Querosene passaram a idealizar um local onde pudessem realizar as suas oficinas, ensaios e apresentações de forma compartilhada. E, naquele momento, surgiu a Associação Cultural do Morro do Querosene, da qual hoje sou um dos diretores. Vinte e três anos depois, inclusive, há outra diretora, que é a Sonia Hamburgo (Palmas). E o meu compadre Tião Carvalho. (Palmas)

Estamos prestes a concretizar este sonho, com a criação do almejado Parque da

Fonte do Peabiru, que já contou com a participação de alguns camaradas. Como a minha camarada falou, nós precisamos de ter essa somatória. Não é estar no Morro, não é estar no Rio Pequeno, mas ter essa interlocução e trazer, também, os camaradas das quebradas. E digo sempre: a periferia é centro. (Palmas)

A periferia é centro cultural. Então, a ideia, dentro do Parque, é de que uma área nos seja concedida, pela Prefeitura do Município de São Paulo, para construirmos e administrarmos o nosso Centro Cultural, que terá um galpão para eventos e artes; um centro de documentação; uma horta comunitária, que ali há muita coisa da natureza, água; cozinha; espaços para as nossas crianças, sempre as crianças. Nós estamos no mês de setembro, mês do Erê, Curumim, Ibeijada. E para acomodar artistas vindos de fora, também, para fazer interlocução conosco. Não precisa – como diz uma amiga -, fazer superevento, os grandes *businesses* da cidade, não precisa trazer grandes *businesses*, não. Têm que trazer pessoas que, realmente, e com todo o respeito a toda a classe artística, estão com o “pé na lama”, na cultura.

Para a realização deste projeto, pedimos o apoio de todos, sobretudo da Câmara Municipal de São Paulo e da Secretaria Municipal da Cultura, nas negociações junto à Secretaria do Verde e Meio Ambiente, para que tenhamos esse parque, logo.

A cultura costuma ser muito ignorada – já falaram -, e desvalorizada pela nossa sociedade. Muitos entendem e defendem a Saúde, a Habitação, a Educação, o Transporte e a Segurança, que não deixam de ter a sua importância, tranquilo. Mas poucos falam e reconhecem a importância da cultura. Aqui, nós falamos. Na hora em que está no alto plano, a cultura parece que é para se divertir. A cultura não é para se divertir, não. A cultura é para se transformar, como muitas pessoas bem falaram. A cultura não é só diversão. Cultura é transformação e ter o que merecemos.

Além da nossa luta pelo Parque da Fonte, na pandemia, surgiu outra dificuldade que vai impactar a nossa cultura. Uma construtora incorporadora está pretendendo construir um prédio com mais de 20 andares, com mais de 200 pequenos apartamentos, que agora eles chamam de *studios*. Na minha época, esses pequenos apartamentos eram chamados de

quitinetes. Então, esse prédio afetará diretamente a vida do Morro do Querosene – e não sou que estou falando. E como o camarada falou, não é só do Morro, não. Realmente, está espalhando, mas está chegando lá. Enquanto respirarmos, nós iremos resistir. A construção desse prédio vai impactar a vida do Morro do Querosene, dos movimentos das suas históricas ruas estreitas e a paisagem; vai impactar o clima. Argumentos de Meio Ambiente e Urbanismo, a Justiça entende, mas falar da nossa cultura, não existe legislação que a entenda e a defenda.

Procuramos explicar que um prédio pode até resolver a moradia de 200 famílias, mas um local como o Morro do Querosene, se preservado, pode receber mais de mil pessoas em seus eventos, cuidar da alma e da saúde mental, preservar a nossa história ancestral. Como pode destruir isto, que é tão único? Nós não somos contra a moradia, mas as pessoas que estão, realmente, debaixo da ponte, não vão morar nesses *studios*; não vão morar. Desculpem. Se fossem, eu até particularmente abriria aspas, mas não vão morar.

Então, esta luta é importante e é de todos nós, não é só do Morro. Então, estamos pedindo apoio para esta luta, que não é só dos moradores do Morro do Querosene, repito, mas é uma luta de toda a cidade.

Finalmente, quero lembrar o Programa Cultura Viva. (Palmas). Não só em todas as quebradas, em todas as periferias, o Programa Cultura Viva está atuando para ninguém sair para o centro da cidade, indo – com todo o respeito – ao Theatro Municipal, para os teatros, a fim de verem uma peça. Ali dentro, na periferia, o lugar é centro. Então, o Cultura Viva tem que estar nos pontos de cultura que fomentam, de forma continuada, a continuar as iniciativas culturais, que são verdadeiros movimentos de resistência cultural. A cultura não tem fronteiras. Eu, pelo menos, não tenho pátria com a cultura. O meu partido é a cultura.

Em outubro, próximo, participaremos do 5º Congresso Latino-Americano de Cultura Viva Comunitária, que acontecerá em Lima, no Peru. Eu, talvez, vá. A minha parceira Cecília vai. Nós não iremos para lá a passeio, se eu for. Nós iremos para lá fazer intercâmbio, porque nós não somos americanos, não queremos ser colonizados. *Abya Yala*.

Nós, também, temos que conversar com os camaradas das fronteiras - Argentina,

Peru, Colômbia -, e trazendo aquilo para cá. Lá, há *Rap*, lá, há a manifestação deles e a gente, hoje, com esse aparelhinho no bolso, que eu também tive que ter, ficamos sabendo de todo mundo, no mundo inteiro.

Então, agradeço a atenção de todos e todes.

Muito obrigado. Axé, gratidão. (Palmas)

Muito obrigado a todos da Mesa. Axé. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Muito obrigada, Mestre.

Agora, vamos passar a palavra para o Chicão.

- Manifestação fora do microfone – inaudível.

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Pode, pode, Tiago.

O SR. TIAGO PAIXÃO – Bom, eu estou um pouco nervoso. É a minha primeira vez em uma plenária desta. Nunca falei algo tão sério para pessoas tão importantes, diante de pessoas muito importantes. Mas o meu nervosismo é do que eu vou falar, como alinhar as ideias.

Ouvindo todo mundo falando, eu me dei conta de que eu só estou presente, porque essas pessoas, estão, aqui, há um tempo, lutando.

Meu nome é Tiago Paixão. Eu sou do Jardim Boa Vista, 17,5 da Raposo, extremo Oeste, extremo Butantã. (Palmas)

Eu sou filho de uma mãe solteira, preta, com quatro filhos. A arte transforma, sim. Eu estou presente por conta disso. Sou um bailarino. Eu conheci a dança cedo. Gostei. Levei adiante. Atuo com isso na quebrada. Portanto, no Coletivo, movimentando a cultura em nosso bairro, – eu estou um pouco nervoso –, eu lido muito com a área técnica: o som, a iluminação, as bandas, a produção do evento e a gente vem, nesse corre, há 12 anos. Em um imenso corre. Tanto, que eu nunca tive tempo de falar desta maneira. E é um baita corre, assim, para acontecer um evento. Então, estar diante de vocês me deixa seguro de, mesmo nervoso, falar.

E obrigado a vocês. Eu estou neste sentimento de gratidão, depois de ouvir todos vocês e conhecendo alguns. E, também, estou com o sentimento de querer mais, de fazer mais, de estar mais. E, para isso, nós, realmente, precisamos de um apoio financeiro, um apoio jurídico,

porque eu ainda corro muito pelo movimento da cultura na minha quebrada: eu, o Coletivo Vie La En Close. O Giovane, o Gustavo e o Leo estão aí. Valeu, galera.

Nós fazemos esse corre, lá. Nós saímos na rua e ainda apanhamos da Polícia. Eu ainda “tomo” enquadro, ainda tenho de voltar correndo. Ontem, por exemplo, eu presenciei um assalto e não pude ajudar, porque eu fiquei com medo de ajudar, a Polícia chegar e achar que o assaltante era eu. Isso é... Então, o corre diariamente.

Eu quero dizer que, por eu estar aqui, hoje, eu, Tiago, filho da dona Paixão, quatro filhos, para eu estar aqui, hoje, falando nesta Mesa, diante de tantas pessoas importantes, é porque a arte transforma, sim; é porque na periferia, na quebrada, há muita gente boa, sim. Há muito moleque, muita menina, muitas pessoas fervendo, brotando, transbordando muita sabedoria, muita arte, muita cultura, muita criatividade. Eu vejo isso todos os dias. Inclusive, eu estou começando a ver gente que transbordou tanta criatividade, que secou, caiu e acabou indo para um outro caminho.

A minha fala é esta. Eu ainda estou um pouco nervoso, mas falando um pouco da parte técnica, nós precisamos de ajuda mesmo, precisa de equipamento; precisa de lugar para guardar esse equipamento; precisa ter um ponto de luz para não correr o risco de ter que fazer um “gato”; precisa ter ajuda para chamar mais técnicos, mais gente da própria comunidade. A cada evento, eu fico muito feliz com os eventos que nós fazemos lá, na nossa comunidade. Chegou uma tiazinha e falou para mim: “Nossa, eu fiz um café e vendeu. Que legal”. Olhem, que bacana. A cada evento, eu penso em desistir e a cada pós-evento, eu penso em continuar. Aquela loucura. E esse *looping*... E isso é tão gratificante, faz o existir. E a arte é isso: é fazer o corre; é ir e voltar de cabeça erguida, independentemente de qualquer situação, coisa ou pessoa; e sentir a transformação, tentar enxergar a transformação no outro e fazer o outro enxergar a transformação nele, através da arte.

Muito obrigado e a minha fala foi essa. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada, Tiago.

Agora é o Chicão.

O SR. CHICÃO – Gente, boa noite.

Primeiro, quero saudar os amigos e as amigas. Tantas pessoas com quem nós construímos coisas, aqui, no Butantã, trombamos todo dia. Às vezes, nos desentendemos todo dia, mas, no dia seguinte, estamos, de novo, compondo, conversando. Eu acho que este é o grande aprendizado, de estar junto, de construir coletivamente as coisas – é o grande desafio que o Poder Público precisa entender e precisa valorizar. Então, acho que nós estamos presentes, hoje, em uma audiência regional, territorial, na Zona Oeste, que tem tanta história, tanta inspiração. Acho que mais do que vir falar, hoje, eu estou na condição de aprendiz com vocês todos.

Eu estou em uma tarefa difícil, porque quem tinha de estar presente era o Pedro Comuna, eu acho que é conhecido pela maioria, que é da Associação Nacional Reggae, integrante do Movimento Parque Chácara do Jockey, foi Conselheiro Gestor, lá. E ele não pode estar presente. Então, hoje, eu vim com a tarefa difícil de substituí-lo, mais para dialogar com vocês e de trazer alguns elementos, também, para pensarmos na questão dessa associação Cultura/Meio Ambiente, Cultura/Educação, Cultura/Assistência Social.

Acho que temos enfrentado, na cidade de São Paulo, um desmonte gravíssimo das políticas públicas, em caráter amplo. A Assistência Social cada vez mais sem recursos. A Educação, apesar de ser uma pasta que tem recursos que têm de ser direcionados, também, com esses recursos direcionados para ações que são do interesse do Governo, das ações de Governo; e não de interesse público e não dos interesses da Educação. Ações e programas que não dialogam com outras pastas, com outros programas e principalmente com a cultura.

Então, eu estou, hoje, na condição de representante de um movimento, que é o Movimento Parque Chácara do Jockey, que muitos também integram, integraram e apoiam; um movimento com mais de 20 anos. Mas eu migrei para este movimento, ingressei para este movimento a partir da minha experiência como Educador social, Professor e militante de um fórum de defesa no Butantã, que é o Foca: Fórum de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. E é nesta intersecção Educação/Assistência Social/Cultura que nós, que está no

dia a dia, que estamos na quebrada com criança e adolescente, tenta imaginar, tenta pensar, tenta ouvir, tentar aprender com quem está fazendo cultura, com quem está produzindo cultura e com quem está qualificando o debate sobre cultura para pensar orçamento. Porque sem orçamento, nós, também iremos falar de intenções e não vamos avançar.

A Prefeitura de São Paulo tem dinheiro e tem muito dinheiro. Acho que isso é público e notório. A cada ano – não sei se essa é a expressão correta – o superávit do orçamento da Prefeitura é cada vez maior. E o dinheiro é usado de forma política partidária, para atender interesses específicos e para, cada vez mais, deixar os interesses que são públicos, da comunidade e das pessoas em segundo plano, ou em último plano.

Então, é desse lugar, também, que eu venho contribuir, vou ver se faço jus a substituir o Pedro, à Mesa. Mas a história da Chácara do Jockey é essa história do Butantã. Acho que cada um traz essa memória de lutas e de ações coletivas que agregaram muitos de nós. O Dinho está falando do Parque da Fonte; as meninas, das ações na periferia; estava falando esses dias, onde está o Dubom? O Dubom estava aqui. As batalhas de *Rap*, as batalhas de *Hip-Hop*, os *slams*: quer dizer, tudo o que a rapaziada está fazendo no território, é na raça – sem apoio, sem recurso.

E a ideia de garantir a Chácara do Jockey como área pública e parque público vem dessa escuta. Vem, exatamente, dessa demanda, de carecermos, na região, de espaços públicos que sejam alternativa de esporte, de lazer e de cultura. Então, foi nesse caminho que, há mais de 20 anos, brigamos para preservar a área do Jockey, que era uma área de treinamento de cavalos, com uma dívida monstruosa, impagável, com a Prefeitura, o Governo Federal e o Governo Estadual, uma dívida na faixa de milhões. E, em 2014, no Governo do Haddad, saiu a determinação para aquela área ser congelada, saiu uma DUP, Decreto de Utilidade Pública, e a determinação para aquela área virar um parque.

De lá para cá, avançamos. Já vínhamos esses anos todos com a comunidade, com os artistas, os produtores de cultura, enfim, com os moradores e usuários do território, discutindo o que aquela área poderia ser. Então, uma série de contribuições, falamos de banco de

propostas, das oficinas que fizemos nesses anos todos, das audiências públicas com a presença de Vereadores, inclusive. E desenhamos o parque, foi uma experiência participativa, colaborativa com a Prefeitura, de definir como aquele parque seria dividido e o que aconteceria com aquele parque depois da inauguração.

Então, a divisão do parque em três áreas grandes, a área do Jockey, que é a área de esporte, a área da entrada da Francisco Morato, a pista de *skate* foi resultado da mobilização da juventude do território. Então, a pista é uma conquista da rapaziada que faz *skate*, é da comunidade de *skate*. Depois a área de contemplação, que é a área de baixo do Pirajussara, perto da escola que, inclusive, tem o conceito escola-parque, para poder usufruir o parque, há um portão direto que dá para a escola e dá para o parque, exatamente para fazer da área do parque uma área de uso da própria escola. E a parte das baias, de que estávamos falando, que foi destinada para ser o polo de cultura do parque. Uma área que batalhamos para tombar. Então, depois da criação do parque, já no Governo Doria – fazer o registro – porque quando o Doria entra, a primeira coisa que ele fez foi enxugar todo o orçamento da Secretaria do Verde para a criação de parques.

Então, fica tudo congelado, fica tudo imobilizado. E no nosso caso, a Chácara do Jockey tinha orçamento para 2017, previsão para 2018, de continuar a implantação do parque, pensando em área verde, pensando nos programas que tinham que acontecer, mas, principalmente, no polo cultural. Para 2017, tinha já uma parceria, um orçamento para Spcine, que vinha do Governo Federal, não sei precisar agora o valor, mas era um valor alto para o Spcine. E já uma previsão, também, para a criação de programas e de continuar com o diálogo que a Prefeitura tinha começado até 2016, de 2014 para 2016, com os usuários, com o movimento do parque e com os artistas da região. Então, fórum de cultura, os outros artistas que se engajaram nessa luta, também, e o Doria entra e suspende tudo.

Então, de 2017 para cá, a nossa briga foi defender o parque e de garantir a implantação. E por que defender o parque? A partir de 2017, o Doria também implanta o processo de concessões de equipamentos públicos na cidade. Uma das primeiras coisas que ele coloca

no seu plano de metas é a concessão do Ibirapuera e da Chácara do Jockey. Fomos para a Justiça e conseguimos barrar isso. Ao mesmo tempo, o Ibirapuera é concessionado e hoje, não sei quem acompanha o Ibirapuera, um parque que está cada vez mais elitizado, que inviabiliza mesmo o usufruto do parque de forma gratuita, pública, tudo você tem que pensar em gastar lá no Ibirapuera, é um parque que, cada vez mais, intimida.

Então, nós tínhamos uma característica do Ibirapuera, o uso mais restrito a quem mora lá perto, mora nos bairros, mas, ao final de semana, era um parque da cidade, a galera vinha das comunidades, das periferias, vinha de outros bairros e se reunia no Ibirapuera. Então, era muito comum andar pelo Ibirapuera e ver grupos diferentes, tribos diferentes, grupos de adolescentes, famílias. Isso em pouco tempo mudou no Ibirapuera. Quem não visita o Ibirapuera, eu convido que o faça e que preste atenção nessa mudança, ela é significativa. E na cidade, temos denunciado isso. Faço parte, também, de um movimento, o Fórum Verde Permanente, e, através desse movimento, estamos denunciando, também, esse impacto para a dimensão do uso público de área verde.

Enfim, para avançar, a Chácara do Jockey é uma área verde importante, então, o conceito também de área de educação, de aprendizado e de cultura, valorizamos, reivindicamos e buscamos programas que dialoguem com essa realidade do parque, mas, principalmente, a área do polo cultural. Agora, recentemente, temos um programa da EMIA, uma escola que vai começar, no ano que vem, o ano letivo na Chácara do Jockey, o pessoal da cultura pode comentar um pouquinho melhor, depois. Mas nossa preocupação é para além da EMIA e para além de outros programas e projetos que a cultura possa implantar na Chácara, temos uma reivindicação e uma construção que é dos artistas da região.

Então, toda a história de tombar aquela área, de transformar em polo cultural, de garantir isso na criação do parque, quando foi fundado em 2016, está congelada, está parada. Aquela área, que é tombada, está, cada vez mais, descaracterizada, vem sofrendo com o tempo, deteriorando. Então, quando o parque é inaugurado, passa por uma grande reforma. Essa área das baias passa por uma grande reforma. E no intervalo de dois anos, toda essa área que foi

reformada com dinheiro público se deteriorou. Há áreas em que o estuque caiu, telhas quebraram, porque, também, a Área do Verde não tinha dinheiro para fazer manejo, enfim.

Então, acho que falamos de áreas que precisam ser valorizadas, de espaços para os artistas. E a Chácara do Jockey tem esse grande potencial, porque está localizada numa área importante, perto do Bairro do Monte Kemel, um bairro popular. Ao lado, temos algumas comunidades, Jaqueline, Mandioquinha, Gelo, Viela da Paz, o próprio Colombo, enfim – Jaqueline possui ligação direta com o parque. E são essas pessoas, essas famílias, essa é a comunidade que usa o parque.

Nossa grande preocupação é combater a elitização do parque. Essa área vem passando por gentrificação, então, toda essa mudança do Plano Diretor, essa extensão que vai do começo do Butantã, até o final da Francisco Morato, vai sofrer alterações cada vez mais sérias, que é a construção de prédios, na dimensão que o Dinho estava falando, prédios com tamanho menor, mas, também, prédios que desrespeitam. Vamos acompanhando isso, o que está definido no Plano Diretor, que é a luta agora para a mudança na revisão, que é de alterar isso. Então, de se construírem prédios com dimensões maiores, apartamentos maiores, com maior número de carros. Mas a grande preocupação é com essa mudança que a Chácara vai sofrer no entorno e com a elitização.

Então, acho que trazer esse elemento da potencialidade das áreas verdes, estávamos falando da fonte, o quanto os parques têm que estar nessa conexão com a cultura, com a educação e com programas, também, das Secretarias de Trabalho e Assistência. Temos a experiência de outros parques que também dialogam com essas secretarias – o próprio Cecco, no Parque Previdência, uma experiência com a saúde mental. E a questão mesmo de ser alternativa, não só para o entorno do Parque, mas também para outras cidades: Taboão, Itapeverica. Em fim de semana, se você sai perguntando e conversando com as pessoas: são esses os usuários.

Então, é um Parque de grande alcance, que tem a característica metropolitana e não temos um programa, um projeto de cultura para o Parque, sendo que temos uma área com mais

de 400 baias, que podem ser transformadas em oficinas, em ateliês, em casas, como Casa do *Hip-Hop*, do *Reggae*. Enfim, experiências que podemos desenvolver lá e é um espaço que está se deteriorando, que no Governo do Doria, quase foi concessionado.

No Edital de Concessão, na minuta de concessão do Parque Chácara do Jockey, também tivemos esse desafio de ter que estudar, – é um documento árido, com linguagem jurídica. A área do polo era para ser transformada em uma área de eventos e exposição, nenhuma menção à cultura. E a área das baias, que foi reformada exatamente para o Spcine, para trabalhar com programas de educação visual, era para ser transformada em hotel. A área das baias, que foi reformada para ser direcionada para a produção de arte e cultura, no Governo Doria, passaria para a construção de hotel, estilo o que tem perto do Anhembi. E transformar a área numa área de feira e exposição, contrário a tudo que temos discutido na região.

Então, fica também a reflexão e acho que a necessidade urgente de definitivamente implantarmos o polo de cultura da Chácara do Jockey.

Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Muito obrigada, Chicão.

Quero agradecer mais uma vez todos presentes. Vamos fazer um giro: a ideia é conseguirmos ouvir, também, a resposta da Secretaria Municipal de Cultura – na verdade, dos representantes presentes. Mas quero já agradecer mais uma vez a participação de todas as pessoas, só lembrar que todos os convidados, estamos sempre indo para os territórios, então, dialogamos sempre com esse território, para que o território indique os convidados para participarem da Mesa. E é por isso que, com certeza, sempre é um debate muito melhor do que poderíamos propor, porque é o pessoal do território que está fazendo.

O Mano Lyee pediu a palavra.

O SR. MANO LYEE – Eu esqueci de falar um detalhe, que também é muito importante a Secretaria de Cultura dar uma desburocratizada. Eu sou prova viva. Não posso deixar de falar disso, porque às vezes, quem não tem nome sujo – quem não deve, erga a mão –, às vezes, para você ser contratado, é muita burocratização.

Então, um exemplo: eu fui vítima do Cadin. Então, por que não contratar alguém que quer trabalhar com a cultura, mas tem um saldo devedor? Contrata o cara, contrata a irmã; ele paga, desconta, mas todos os elementos são eliminatórios.

Então, fica a reflexão. Eu passei um dia, estava tudo ali. Primeiro, é a maior luta para arrumar a documentação, tudo é difícil, mas dá esse acesso. Têm muitos irmãos, muitas irmãs, que fazem cultura, mas quando eles veem essa burocratização, eles já nem concorrem. O máximo respeito aos acadêmicos, aí. Quem entra nesses locais? Os acadêmicos. Quem é da periferia, quem é da quebrada – o máximo respeito também a quem não é –, não entra.

Então, deixa esse olhar. E também a importância de agregar, o Fórum de Cultura do Butantã teve a oportunidade de levar oficinas para dentro da Fundação Casa. O Danilo está dando oportunidade para várias linguagens, e o Kiabo, lá do Jardim Boa Vista, trabalhou com frio, com sol e chuva.

Então, só deixo essa reflexão. Firmeza. “É nós”.

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada. Então, vou pedir para fazermos essa troca na Mesa agora. Muito obrigada.

Enquanto isso, vou pedir a lista. (Pausa). Temos 10 pessoas inscritas agora. Vou convidar o pessoal da Secretaria para se sentar conosco. Enquanto vamos nos arrumando, vou pedir que nesse último momento, quem ainda não se inscreveu e gostaria de se inscrever, para fazer uso da palavra, faça agora, enquanto estamos compondo a Mesa, por favor, porque já temos 10 inscritos.

Convido os Srs. Diego da Silva França, Supervisor de Cultura da Subprefeitura da Lapa; Dayanne Godoi da Cruz Barboza, Supervisora de Cultura da Subprefeitura do Butantã; Vinicius do Nascimento, Coordenadoria de Fomento e Cidadania Cultural; Lígia Jalantonio, Supervisão de Formação Cultural; Danilo Montingelli, servidor do Departamento de Museus da Cidade; Aurora da Silva Oliveira, Supervisora do Núcleo de Casas de Cultura e Camila Passos de Siqueira, servidora do Núcleo de Casas de Cultura. Caso chegue mais alguém que eu não tenha chamado da Secretaria e se quiser fazer parte da Mesa, é só avisar.

Primeiro, muito obrigada mais uma vez, quero fazer mais um registro de que temos tido uma participação efetiva, tanto dos gestores locais, como do pessoal da Secretaria Municipal de Cultura. Isso é muito importante, porque o diálogo é com o Poder Público, para que as pessoas consigam ser ouvidas pelo Poder Público. Então, quero agradecer, mais uma vez, a presença de cada um e cada uma que está presente.

Vou chamar o primeiro inscrito e, aí, já encerraremos as inscrições para o uso da palavra. Vou pedir, mais uma vez, para tentarmos ser o máximo possível breves, em torno de cinco minutos de fala, porque senão, não conseguiremos ouvir as devolutivas.

Então, por favor, o primeiro inscrito, Antonio Nilton Martins de Moura, do Fórum do Idoso de Vila Sônia.

O SR. ANTONIO NILTON MARTINS DE MOURA – Eu sou Antonio Nilton, sou do Fórum do Idoso de Vila Sônia. E tenho uma oficina, que foi criada no Governo da Erundina, e até hoje estamos presentes.

Primeiro, quero agradecer ao Danilo e sua equipe, ao Clovis Ribeiro, que tem dado o trabalho dele para nós e a Professora (Ininteligível). A minha reivindicação é interessante – no nosso grupo, tínhamos ingresso para ir ao cinema, ao teatro, tínhamos lanche, tínhamos exposições todos os meses. Tiraram tudo isso, inclusive, os professores.

Nós tínhamos 90 jovens, de 60 a 95 anos de idade. Hoje, Sra. Vereadora, temos 25, e muitos só têm esse dia para vir aqui, dar um trabalho. O nosso pedido é que a Dona Soninha, a minha querida Soninha, abra Edital, ver se a senhora nos ajuda. A Soninha deve abrir Edital para os oficineiros. Não é possível não termos oficineiros. Dinheiro há – nós temos o Fundo do Idoso.

Agora, para quem vai o Fundo do Idoso? Para nós que somos não oficiais, não organizados? Não. Vai para as ONGs. Todo o dinheiro vai para as ONGs e nós ficamos sem nada. Para a Casa de Cultura – vocês estão lá há tanto tempo –, o nosso orçamento é quase zero, não dá nem para fazer a limpeza. É um absurdo isso. Eu gostaria que a senhora nos ajudasse. A senhora veio aqui para isso.

Muito obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) - Muito obrigada, Sr. Antonio. Vou fazer um comentário muito rápido, só dizendo que a questão do idoso e do bebê, dos anos iniciais, foi uma questão muito pontuada no Plano Municipal de Cultura. Então, é bem importante mesmo essa fala.

Sr. Renato Custódio, da Associação de Esporte e Cultura de São Paulo.

O SR. RENATO CUSTÓDIO – Olá, boa noite.

Primeiro, gostaria de agradecer a todo mundo. Essa plenária – é a primeira vez que estou participando de algo, assim, mais sério, digamos. Agradeço ao Fórum de Cultura, que participei na terça-feira agora, do encontro do Dubom, que deu um salve, o Dubom, grande articulador do Coletivo 15, do Coletivo de Rimas.

Eu cresci no Butantã, sou *skatista* desde criança, fotógrafo e artista. E muita gente já falou sobre várias questões do bairro: a questão geográfica, acho que também limita muito as pessoas a transitarem de um lado para outro, as grandes avenidas que cruzam. Mas gostaria de enfatizar que o *skate* integra muitas culturas, ele é visto como um esporte, mas na nossa concepção, ele é uma cultura e que integra a cultura urbana de rua. O bairro é gigante, mas faltam espaços nas quebradas, principalmente.

Eu frequentava o sacolão da João XXIII, onde hoje é o CEU Uirapuru, que era um lugar coberto para andar de *skate*. Mas, desde quando criaram o CEU, destruíram o espaço ali e acabaram com o espaço para a prática do *skate*. Falou-se de pontos de luz, há pouco e eu acho que, para a cultura chegar na quebrada, de uma certa forma, precisa chegar até lá de alguma forma e descobrir o que se faz ali, o que as pessoas querem no local, porque essa Casa de Cultura também é longe da quebrada. Poucas pessoas têm acesso.

E acho que o *skate*, o *Rap* e o *Punk* estão todos interligados. Porque o *skate* abrange diversas vertentes artísticas, como: fotografia, artes plásticas, pintura, audiovisual. Muita gente que começou andando de *skate* trabalha com vídeo, trabalha com fotografia e consegue se desenvolver, de certa forma, através da arte e da cultura.

O CEU Butantã, eu o frequento desde que foi construído. Ele tinha uma estrutura invejável: laboratório de fotografia, ginásio, sala de dança, mas não havia profissionais que atuassem ali dentro, para fazer com que as pessoas tivessem acesso àquilo e se desenvolvessem. Acho maravilhoso que agora vão ampliar e haverá novas formas de oficina, de audiovisual e outras, como o Nelson falou, na terça-feira. Mas acho que esticar o braço é essencial ali, no Sapé, porque eu tenho uns amigos do Sapé que nunca foram ao centro, por exemplo, ou para alguns bairros mais centrais.

Então, em vez de trazer as pessoas até aqui, acho que chamá-las e pegar pelo braço, porque quando se atua mais presencialmente, é diferente.

Eles fazem a batalha de rima, praticamente, quatro vezes por semana, em lugares diferentes e atraem um público diferente, conseguem atrair as pessoas através da comunicação para outros espaços, ajudam a integrar os espaços e as oficinas que acontecem aqui, que acontecem lá, porque o espaço existe. Temos o CEU Uirapuru, temos o CEU Butantã, mas faltam atuações locais ali, pontos de luz, coisas mais simples. Acho que falta, na quebrada, uma pequena modificação, para que consiga receber coisas simples, como um chão liso. Não precisam de uma baita pista, como na Chácara do Jockey, por exemplo, mas de vários pequenos espaços espalhados na quebrada.

A pista do Rio Pequeno, quando foi construída, antes do CEU Butantã, abrangeu todos os *skatistas* da Zona Oeste, de Osasco, Carapicuíba, além das pessoas de fora que iam para lá andar de *skate*. Eu sou uma prova viva, porque virei fotógrafo de *skate*, graças à política pública do CEU Butantã, da pista de *skate* do Rio Pequeno. Comecei a fotografar em 2004 e estou até hoje. Trabalhei para várias revistas e tal. Então, acho que, através de pequenas ações nas quebradas, pode-se trazer a cultura urbana a esses espaços, para conseguir entender um pouco mais do que acontece lá.

Obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada, Renato. Tem a palavra o Sr. William Silva da Costa, batalhas de *Rap* do Butantã.

O SR. WILLIAM SILVA DA COSTA – Boa noite a todos.

Eu me chamo William, mas sou conhecido como Dubom, e queria, primeiramente, parabenizar a todos que nos antecederam, agradeço o espaço que estamos tendo, o pessoal do Fórum do *Hip-Hop*, o pessoal da cultura, em geral.

A gente vem, neste espaço, para argumentar. É uma troca de diferenças, pois eu acho que cada lugar tem as suas diferenças e estamos presentes para marcar o quanto diferente elas são e em tão pouco espaço.

Nós falamos do Butantã, da Vila Sônia, do Real Parque, do Bonfiglioli e de todas essas demais áreas, que são consideradas de classe social média alta, mas esquecemos que, dentro do Distrito Butantã, existem 111 periferias, fora as ocupações que continuam surgindo todos os dias.

Eu estou presente porque sou coorganizador das batalhas da Zona Oeste – que eu não faço nada sozinho –, e nós representamos, aqui, um público de 3.500 a 4 mil jovens nas batalhas, de segunda a domingo, com toda a precariedade, sem nenhuma ajuda do Ministério Público, sem nenhum fomento, na luta, na raça, como temos feito, durante todo esse tempo, na batalha do Sapé, que é a nossa batalha mais antiga, situada no Comitativa XV, ao lado do Roberto Mange, há oito anos. E temos a batalha do Solano, no Boa Vista, que eu acho que é perto da casa do amigo que me antecedeu.

Toda sexta-feira, no Solano, há *Rap*; domingo, há Praça Dina, na Comunidade Mandioquinha; sábado, há Conceição; terça-feira, há Rio Pequeno; quarta-feira, há Largo da Batalha, que envolve um público bem importante para disseminarmos essa nossa atividade artística. E quando falamos de batalha, costuma-se falar que “é o pessoal que se reúne ali, na praça, para fazer barulho, para gritar”. Não. É mais do que isso. Estamos incorporando um espaço que, por direito, é nosso. Uma vez por mês, nós fazemos revitalização da Praça Dina, porque a Prefeitura não limpa uma praça.

Estamos falando de meio ambiente; nem isso, estamos falando de racismo ambiental, porque se fosse uma Praça Roosevelt da vida, não passaria um dia sem luz. Estou

há um mês e 15 dias sem fazer o evento no Jd. Jaqueline, na praça, perto do shopping, sem fazer o evento *Jaque Rap* lá. Eu vou fazer, no sábado, o evento do dia 10 de setembro, o dia da consciência de saúde mental, onde eu trago uma psicóloga para a praça. Esse evento está confirmado desde o ano passado – todo ano nós fazemos, mas eu vou me virar para providenciar toda a iluminação, internet, acesso a água, banheiro, porque não há nada disso. Então, é tudo precário. E não é só nessa praça, não; todas as praças estão assim.

E eu venho para pedir atenção, porque cultura há; agora, como vai fazer para levar a cultura para a favela, para dentro das escolas; é outro processo. Mas isso já está sendo feito, e o pessoal que conhece a gente agradece a participação.

Como eu trabalho com jovens, o que acontece: às vezes, o menor manda bem, às vezes ele tem a *flowzada* e está louco para cair nas pistas, ou seja, enfrentar o palco, bater de frente com o mundão e ver essa ânsia por soltar essa agonia dele em público, estourar na vida, como falam. Mas existe todo um sistema burocrático para isso.

É bem mais fácil contratar um Rappin' Hood da vida, porque ele já tem os assessores, toda a produção, tudo ali por detrás, mas o favelado, não. Às vezes, nós somos chamados para fazer alguns processos e, se não fosse o pessoal da Associação Nacional Reggae, também, para fazer essa ponte para a gente, eu acho que não existiria. Então, eu acho que falta um pouco de mecanismo de profissionalização dentro da comunidade, para que esse sistema burocrático se torne algo mais simples. Porém, sem falha, que não haja desvio, nenhum tipo de interferência – apenas que ele seja mais simples para o jovem que está começando agora, para a mina que vai recitar uma poesia, que tenha um espaço digno para, pelo menos, a gente ceder uma água, usar uma energia.

Eu acho inadmissível que já mandaram viatura, falando que a gente estava pegando luz do poste, mas é a única luz que a quebrada tem. Eu sei que é crime federal, mas a gente pega para fazer cultura e nós vamos continuar pegando luz de onde tiver, de onde acharmos, porque não é possível que não haja um vizinho que não vá ceder a luz. Então, a luta é grande, falta manutenção, falta muita ajuda mesmo, em questão humana, social, cultural –, porque

quando eu faço um evento na praça, com todo o apoio de um psicólogo para os adultos, tem que ter algo para as crianças fazerem durante o atendimento. Então, elas já desenvolvem a primeira atividade artística na praça, desenhando.

E durante o festival, os grafiteiros já pegam os desenhos das crianças e incorporam dentro da cultura. Então, a criança transfigura aquela sensação de: “isso aqui me pertence”, “eu me represento”, ela já fica ali, porque o único espetáculo que nós temos, por enquanto, três vezes por semana, na quebrada, é o bailão, o pancadão, que nós ocupamos, porque faltam espaços culturais dentro da comunidade.

Quando se fala de espaços culturais dentro da comunidade, a maioria das praças que nós ocupamos não é dentro da comunidade, porque não há espaços como uma praça, um campo de futebol, na comunidade. São poucas as comunidades que têm isso. Aquela comunidade que tem aquele centrinho, um campinho de futebol, onde nada foi construído, tem que levantar a mão aos céus e agradecer.

Ouvi, anteriormente, que estávamos “invadindo os espaços”. Não, pois eu prefiro falar que estamos ocupando os espaços, que é direito nosso. E que esse dinheiro fique para a periferia, porque nós constituímos o bairro, mas os artistas, que geralmente vêm participar, não são do bairro, porque há todo esse sistema burocrático para contratar o artista do bairro. E quando se fala em ter meios mais fáceis de contratar esses artistas, deve ser de modo seguro, para que o dinheiro não seja desviado para outras coisas e não se perca no meio do caminho, que seja tudo destinado aos Centros Culturais, para as batalhas de rimas, para todo tipo de formação cultural, artístico, de todas as vertentes, sem nenhuma insinuação de preconceito, de todas as classes.

Obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada. Tem a palavra o Sr. Edsão (Imediato).

O SR. EDSÃO – Boa noite para geral.

Sou Edsão, vulgo Imediato, faço parte do Coletivo Oeste *Rap*, também faço parte da

Associação Nacional Reggae.

Há muitos e muitos anos, como o Dinho Nascimento falou, essa Casa de Cultura foi estabelecida, foi construída, para valorizar a cultura do nosso bairro –juntamente a Dona Cecília e todos do Morro do Querosene, Tião Carvalho, o nosso parceiro Edson Sorriso, que sempre dá uma atenção para nós.

E queria agradecer demais ao pessoal da Prefeitura, o Danilo, que fez uma grande mudança quando ele chegou, que abriu as portas e viu o valor de todos os movimentos, de todos os gêneros da cultura e realmente deu valor para nós, do *Hip-Hop*.

A ideia é a seguinte: nós precisávamos de verbas direcionadas para esse local. Mesmo que os eventos aconteçam fora da Casa de Cultura, para que a nossa comunidade saiba que existe a Casa de Cultura.

Como disse o nosso parceiro, há dinheiro. Está sobrando da Prefeitura, nós sabemos. Nós conhecemos Vereadores, Deputados; nós sabemos como funciona o sistema. Demorou para aprendermos, mas nós sabemos. E não podemos deixar esse dinheiro congelado, porque há muita gente sofrendo, há muita gente morrendo, passando necessidade, enquanto há um dinheiro rendendo, numa conta da Prefeitura, que pagamos através de imposto. Isso não pode acontecer.

E vou falar do mês do *Hip-Hop*. O mês do *Hip-Hop* não pode ser tratado de qualquer jeito. Este ano, foi um dos piores. Nós não queremos receber o dinheiro e cantar para ninguém; nós queremos que o *Hip-Hop* esteja realmente ocupando espaços, levando cultura para as pessoas. Eu saí do Butantã e fui para Chico Science, no Ipiranga, às 15h de quinta-feira. E tinha irmão que estava cantando ao meio-dia. Nem o pessoal da limpeza vai assistir. É indignante, porque nós não estamos no evento só pelo dinheiro. O dinheiro faz parte da movimentação, o Danilo sabe. Nós tiramos dinheiro do bolso, arrumamos o que for para sermos tratado com dignidade. Nós precisamos de dignidade.

Então, o dinheiro da Prefeitura não pode ficar parado lá, porque o povo precisa, todo mundo precisa. Quantas famílias não estão aí, sem condição? Quantas pessoas não conseguem

ser contratadas para pagar uma conta? Essas pessoas precisam de um rendimento para poder pagar suas contas, porque senão elas serão inadimplentes para o resto de suas vidas.

Nós sabemos que existe a burocracia, que temos que seguir regras para podermos estar envolvidos, mas não pode ser tão difícil. A Prefeitura não pode julgar se um artista, que é da quebrada, merece ou não.

É notório saber: se não fosse esse pessoal, que está nessa quebrada, reunido, nós não ganharíamos nem uma migalha. É difícil. Nós entendemos que, para tudo, há burocracia; mas precisa visualizar o que geral precisa. Eu não falo: “ah, o *Rap* precisa disso, daquilo”. Não, nós da cultura precisamos.

Está ali, o nosso amigo que fez um evento enorme, pelas forças que só ele sabe de onde ele tirou para fazer a história dos quadrinhos nesta Casa. Isso ficou alastrado de história em quadrinhos, nunca vi isso. Foi lindo. Então, nós precisamos disso. A Casa de Cultura do Butantã é um ponto de encontro e ela pode expandir para as praças, para colégio, até onde nós precisamos para alcançar o nosso povo.

Obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada, Edsão. Tem a palavra a Sra. Cecília.

A SRA. MARIA CECÍLIA PELLEGRINI – Eu realmente me emociono muito. Eu gosto muito desse pessoal do *Hip-Hop* e me identifico.

Eu só vou falar um pouquinho. Depois, eu vou para a minha fala.

E vejo aquele rapaz do *skate*, que citou uma parte, que eu acho muito interessante, que são os espaços para os quais falta o olhar da cultura – não é só o dinheiro que falta. É essa tristeza de chegarmos nos equipamentos, num CEU, e não vemos uma criança andando de bicicleta, nem outra andando de *skate*: nada, vazio. Não sei se vocês já sentiram esse sentimento.

Sabe, Vereadora, uma coisa que é só um exemplo que eu vou lhe dar.

Eu fui a uma Fábrica de Cultura, e é um elefante branco, um hospital. É uma coisa

enorme. Eu não sei se vocês já viram. Não há um grafitezinho, não há uma pessoa tocando flauta, nada. E, ali, em frente, aquela favela é tão rica de cultura.

Nós temos muita cultura. O que eu sinto é que falta o olhar, o entendimento da cultura.

Por exemplo, agora eu me lembrei de uma coisinha, que eu vou aproveitar, porque me parece que há uma pessoa da Secretaria Municipal de Cultura. Então, me deem licença, porque eu me lembrei disso e vou querer falar.

Vai ter o Congresso Latino-Americano de Cultura Viva.

Gente, eu fiz um orçamento: 50 mil reais levariam 11 pessoas para o Peru.

Eu falei, eu escrevi uma carta: “Vamos levar, também, os profissionais da Secretaria, porque eles também precisam de cuidados”. Os nossos profissionais que estão na Secretaria de Cultura, na Secretaria Municipal, mas acho que não somente, na Estadual também, também precisam se renovar, precisam ir, precisam se alimentar, fazer intercâmbios. É isso que eu entendo.

Lá, onde agora falam da Chácara do Jockey, que eu vi alguém falando: “o governo anterior gastou 7 milhões em nome da cultura”. Gente, 7 milhões. E não precisava, podia ter deixado do jeito que era. Eles não nos escutam.

O pessoal da cultura, mesmo assim, resiste, existe, resiste. E somos nós, juntos, que tocamos esse barco. Tocamos juntos com os funcionários, se eles também acreditarem; mas, se não acreditarem, nós continuamos.

É isso que eu queria muito falar: que o importante é a sociedade civil organizada tomar conta desse barco.

E eu vou falar sobre o [assunto] para o qual eu pedi a fala, um convite para um evento que está acontecendo.

Estamos no mês que antecede a eleição. Então nós, da cultura, acabamos sendo assediados por um, por outro, e tal. “Posso apresentar as minhas propostas?”

E nós pensamos assim: um não vai resolver, porque um sozinho na Câmara, no

Congresso ou na Assembleia, não resolve. Então, vamos fazer um evento nesse domingo, às 15h, com vários candidatos.

Aí, os candidatos, quando nos procuravam – e candidatos amorosos, que gostamos – falavam assim: “Posso falar das minhas propostas? Posso apresentar as minhas propostas? E nós respondemos: “Não, não queremos nenhum candidato com propostas, porque queremos candidatos que escutem as nossas propostas”. (Palmas). Esse negócio de candidato vir com proposta não é o que nós queremos. Claro, queremos que candidatos se apresentem, falem mais. Um candidato, para nos representar, tem que nos conhecer.

Então parabênzo a iniciativa da Vereadora, porque eu vejo verdade.

Parabéns. É isso aí. Siga aí.

Mas, continuando a minha fala.

Pensamos assim: os candidatos precisam nos conhecer, como é que eles vão nos representar, se eles não nos conhecerem? Então, nós também precisamos falar.

Então, criamos uma coisa que se chama assim: Primeira Assembleia Popular no Morro do Querosene. Falarão candidatos e votantes – porque, também, não somos eleitores, somos votantes – vamos ver se vamos eleger ou não. E queria convidar todos vocês. Todos terão direito.

Com certeza, vai ficar um pouco espremido, não vamos ter nada, vai ser rapidinho, porque, graças a Deus, tivemos assim... muitos candidatos acabaram... porque, inicialmente, eles falavam assim: “Como vários candidatos que competem entre si?”. Mas nós dissemos, assim: “Na Câmara, no Congresso, precisam conversar, precisam se encontrar”.

E eu vou só finalizar uma coisinha: a política compete, mas nós somos da cultura, e a cultura respeita, dialoga, gosta do parceiro, ela não quer ser melhor, não é assim. Esse é o sentimento da cultura.

Obrigada. E desculpa. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Tem a palavra o Jaime.

O SR. JAIME – Tudo bom? Eu vou ser rapidinho.

Bom, eu quero agradecer ao pessoal do Legislativo e do Executivo.

Eu montei com uma galera um espaço cultural já há algum tempo, e durou, terminou agora há pouco tempo – era 10 mil o aluguel. E, depois de um tempo, saiu o prêmio de 40 mil – amanhã, ele vai liberar esse dinheiro para nós.

Eu conheço, praticamente, todo mundo que está presente. Eu vi muita coisa de cultura acontecer. Eu vi gente que era “desse tamanho”, que está aí produzindo, e liderança, o que é mais importante.

E ao pessoal do Executivo, eu quero agradecer.

Vemos um pessoal mais à direita, que são os partidos que estão no governo, e nos assustamos muito. Mas, agora, com o Bolsonaro, eu vejo vocês e fico feliz. Eu vejo os “oclinhos” dele e eu fico com medo: “Ih, aquele é meio coxinha”. Eu estou falando sério.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. JAIME – É isso que eu estou falando. A esquerda percebe mais, hoje, que não era tão diferente assim – os partidos de centro, de centro-direita. Acho que agora damos mais valor, agora, um pouco, né. É uma radicalidade que tinha. É isso que eu quero trazer.

Mas, ao mesmo tempo que eu quero trazer isso, [eu gostaria de dizer que] que eu nunca fui de nenhum partido, eu sempre fui mais libertário na formação acadêmica e tudo. Mas eu vou pedir ao Executivo uma coragem institucional, burocrática, para dar um passo a mais.

O medo que todo mundo tem, aqui, é do judiciário. Vocês todos da Mesa se unem por causa disso: todo mundo tem medo de liberar um dinheiro errado.

Mas, assim, tenham essa coragem.

Eu acho que o que todo mundo pediu... é porque ninguém fez uma fala direta para vocês. Eles estão falando para o Prefeito, para quem manda e desmanda. Eu imagino que vocês não tenham esse poder. Eu espero que vocês não tenham esse poder, porque se tivesse, talvez estivéssemos bem melhor. Mas eu espero que vocês tenham essa coragem um pouquinho maior, consigam dar esse passo um pouquinho a mais. Esse é um pedido de uma pessoa do Butantã para os funcionários, para os trabalhadores do Executivo. Eu acho que vocês vão

conseguir. Não tenham medo de um problema ou outro, acontece. Vamos conseguir.

E um pedido que eu acho que é interessante para vocês levarem para o âmbito político das burocracias das quais vocês participam, seja da juventude do partido, seja das reuniões de cultural das quais vocês devem participar.

Se vocês pegarem a fala de quase todos, há um elemento central que está bem presente: se vocês conseguirem – e, aí, o Legislativo pode trabalhar, também –, por uma lei ou por um decreto, alugar uma casa em cada periferia – no caso, aqui, são cem; tudo bem, é um número grande.

Eu conversava com um antigo político que fez a lei do *Vai*. É um “Vaizinho”.

Centro Cultural Butantã é o nome que eu dei para o espaço. Está lá o documento. Tínhamos 400 eventos musicais, e não era DJ. Nada contra DJs, mas com bandas, por ano. Quer dizer, aquele espaço, que é um espaço da comunidade que não tinha um dono, mas era um aluguel no meu nome pessoal, fazia, rodava 10 mil pessoas por mês, fazia mais atividades, atingia mais gente, do que todo o dinheiro...

- Manifestação fora do microfone.

O SR. JAIME – Pode deixar.

Somos ruins na rima. Mas não há problema, não. A mensagem é direta para a Mesa, então, eu não ligo.

Eu vi todo mundo falando uma coisa bonita que tem que ser falada, e, aí, eu vim falar... ser o mais prático: se vocês conseguirem alugar uma casa... aí, você fala: “Mas vai alugar uma casa na quebrada?”. Custa dois contos uma casa legal.

Meu, esse partido que vocês representam, os partidos que estão no Executivo, se reproduzem fácil se vocês fizerem isso, porque a esquerda já faz isso na raça. A Vereadora, que está presente, é exemplo de um movimento fundamental, clássico, que mostrou como é possível. Agora, imagina isso vindo do Executivo. A eleição é daqui a dois anos. Trabalhem dentro da estrutura de vereadores.

Desculpem, somos de esquerda, mas é isso: vocês elegem e reelegem. Vocês tiram

o mandato dela, se vocês quiserem. Nada contra, eu quero que tenha 15 mandatos. Agora, é isso: um aluguel em cada lugar. “Ah, mas vai vender cerveja?”. Deixa vender cerveja. É isso que faz... Aqui só estará cheio quando esses lugares funcionarem.

Quando o Centro Cultural funcionava, e era a base do PSOL, do PT e do PC do B e do PSB. Todos usaram o espaço a rodo lá, nunca me deram um real. Também nunca pedi. Mas agora eu posso falar na orelha deles tudo que eu quiser. Eu segurei o Centro Cultural aberto até a última eleição, que foi base do Boulos. Ele usou lá. Usou e desusou. Coitado, não chamou, parte do PSOL, para participar. A Luana Alves, eu tive que ir lá buscar na feira. Todo mundo é desunido, todo mundo tem a sua briga, o seu conflito. Mas a demanda é muito grande.

Então quando vem o *skatista* e fala: “Não há o ponto de luz”.

Meu, façam um decreto. Se vocês alugarem uma casa em cada quebrada. Meu, a cerveja vai pagar a luz. “Ah, mas vai morrer alguém”. “Vai ter droga”. Não vai ter. No Centro Cultural nunca teve uma briga, e não tinha segurança, não tinha nada. Era eu e os artistas que fazíamos a autogestão. Nunca teve uma briga.

Então, a minha fala é pessoalmente para vocês, do Executivo, porque o Legislativo já sabe de cor, eu não preciso falar mais nada.

Obrigado. É isso aí. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada, Jaime.

Eu só vou pedir para que as falas, por favor sejam mais concisas, senão não conseguimos ouvir a devolutiva do Poder Público.

Tem a palavra o Pedro Guasco.

O SR. PEDRO GUASCO – Eu sou menorzinho que todo mundo, tenho que ajeitar [o microfone]. Atrapalha mais esse negócio. Daqui a pouco, eu estou que nem o Roberto Carlos tombando. Eu fico meio “noiado” quando eu vou falar em público.

Primeiro, boa noite a todas e a todos.

É um prazer estar de novo com vocês, com tanta gente que não víamos há algum tempo. Passou esse tempo de pandemia aí. Foi difícil, nos afastamos tanto, era só pelas redes

sociais.

Eu estive com a Vereadora Juliana Cardoso agora há pouco, estávamos num evento, e ela pediu para que eu me desculpasse por ela. Ela gostaria de estar presente, mas não consegui. Gostaria de estar presente junto a Subcomissão de Cultura. Ela pediu para transmitir um “estamos juntos, de mulher guerreira para mulher guerreira”.

Foi bom ter tido a fala do Lyee sobre a burocracia, e, agora, eu vou falar depois do Jaime.

De fato, em plena pandemia, nas leis emergenciais, eles pediam a documentação toda – Cadin, caramba... tivemos que sair correndo. Eu cadastrei um monte de gente. Tivemos que sair correndo atrás de dinheiro emprestado para pagar um negócio que estava atrasado, para conseguir ficar de boa com a lei, para conseguir me inscrever num cadastro. E, depois, a questão do imposto foi absurda, porque teve muita coisa que não veio como prêmio, e, daí, o pessoal não sabia que, sobre aquilo, incidia imposto, e está em inadimplência até hoje. E do Jaime, eu ia falar na mesma lei emergencial.

Estávamos inscrevendo o pessoal naqueles negócios dos espaços. Daí eram três de três mil... Eram 9 mil, 18 mil, 30 mil. Aí o pessoal falava: “Eu quero 30 mil”. Eu falava: “Não é assim, é conforme o nível de gasto, etc.”. Eu falava: “Não, esse vai ser na faixa assim, assim, assim, depende da sua estrutura, se você paga conta de água e luz. Quem vai receber assim? Isso tem que ser pelo CCB?”. Quando o Jaime pediu, eles deram uma “merreca” para ele. Aí não dá para segurar um aluguel, conta de água, de luz. Sem chance.

E a questão da burocracia: eu acho que tem que ter uma iniciativa de governo. Nós sabemos que há Tribunal de Contas, Ministério Público, agora, que deve haver um diálogo. O Ministério Público não é contra a cultura. Ele está para evitar que tenham algumas malandragens, mas por causa disso, há uma legislação que é impeditiva, e nós não conseguimos. Eu acho que um pouco de diálogo, para explicarmos para eles que funciona de outra forma, que nós não podemos jogar a criança com a água do banho. É essencial conversar de instância de governo, para instância de governo, a partir disso que estamos relatando. Todo mundo passou por isso.

- Manifestações fora do microfone.

O SR. PEDRO GUASCO – Dos últimos três anos, não tínhamos condições.

Eu acho que o Chicão falou muito bem da Chácara do Jockey. Nós estamos juntos, nesse processo, desde antes de existir o parque e há uma discussão que é, agora, o polo de cultura. Quer dizer, há uma discussão primeira, que é o Plano Diretor do Parque, todas as áreas, e há uma questão que é o projeto do polo de cultura. A gente já fez o Plano Diretor do polo de cultura. Os artistas já estavam num nível de projeto para o polo de cultura, com coisa mais avançada, mais definida.

Nós precisamos construir um compromisso. Se conseguir sair desse governo com um projeto do Executivo, um compromisso em cima disso, já seria lindo, embora a obra vá demorar anos, podem ser mais que os 7 milhões de que a Cecília falou, e o projeto feito pelos artistas em parceria, porque mesmo em governos mais próximos, foi uma coisa que era para ser rapidamente, para não virar outra coisa etc., mas não passava numa plenária nossa. Nós falamos isso para membros do governo que não se ofenderam por isso. “Nós fizemos o que dava para fazer para proteger aquela área”. Agora, precisa avançar muito.

Aqui, temos muitos movimentos de cultura que têm outros movimentos, ligados ao verde e meio ambiente, que estão com a cultura. Já falou o Dinho da Chácara da Fonte, que está por um triz, faltando um nada, há vários anos. Estava falando com o Osmar e com os caras do *reggae*, que querem fazer um parque na Zona Norte e uma biblioteca, já estavam articulando. Há essas interfaces. A cultura está em muitos movimentos.

Nós seguramos a questão urbanística com o movimento de cultura. Fora isso, temos inúmeros movimentos e coletivos. É uma ignorância gritante, brutal, do poder público quando ao que existe de cultura. Não se faz uma busca ativa, não se conhece, é uma dificuldade para se dizer: “esse é o Dinho Nascimento; esse é o Tião Carvalho”. Não são a mesma pessoa. Temos os dois Morros do Querosene e muito mais. Vocês viram os meninos do *Rap*, quantas batalhas eles têm e quantos movimentos diferentes dentro do *Rap* também; há a questão do *sound sistem*, há o *break*, há um monte de coisa. O próprio *funk*, que é tão discriminado: não é mais do que um

nos diferentes lugares. Não é tudo igual. Os meninos que fazem *funk* são diferentes dos caras que vêm com carro tunado e não têm nenhuma relação com a comunidade.

Agora, precisa fazer busca ativa, respeitar, amassar um pouco de barro, porque a cultura é muito mais do que a gestão entende. Nós nos conhecemos, nos juntamos em fórum de cultura e em outros, para se conhecer, articular e fortalecer. O governo precisa nos reconhecer e nos ouvir um pouco.

Eu ia citar uma porção que foi uma felicidade encontrar, mas vou avançar muito no tempo, mas têm coisas inesperadas. Se você fala que há uma viela no Boa Vista, ali já acontece um monte de coisa, há a poesia toda, o sarau, inúmeros saraus, que não dá para enumerar. Tenho algumas coisas escritas. Vai falar o meu amigo do Coreto, que é também do Fórum. Falou um monte de gente e não acaba. Isso daqui é pouquíssimo perto do que temos na região e precisa ser mapeado. Nós fomos ver a lista do governo sobre o que tem de evento. Ele mostrou uma folhinha com três, quatro ou cinco eventos: conhecia a Festa do Boi, a Festa da Comunidade Japonesa – só de comunidade japonesa, nós temos, pelo menos, duas, aqui. A Festa do Boi, hoje, é grande e reconhecida, mas temos uma quantidade de festas em comunidades que não se conhece. Já teve gente vindo de equipamentos culturais grandes falando “como é que nós fazemos para levar público”. Olha, não há um final de semana sequer que a gente não tenha uma festa com, pelo menos, duas mil pessoas na quebrada. Vocês precisam começar reconhecendo e conversando com esses.

Então, vamos resolver essa questão da sobrevivência que é da burocracia, de os caras não conseguirem se inscrever para projetos, receber e prestar contas. É o fim da picada.

Obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada, Pedro. Agora, Sandro Merg Vaz; em seguida, Rafael Ayres.

O SR. SANDRO MERG VAZ – Boa noite.

Meu nome é Sandro Merg Vaz. Tenho 50 anos. Sou pedagogo de formação. Trabalho com informática e, em 2019, decidi fazer um evento de quadrinhos. Graças àquele maluco, eu

pedi uma data, que foi 1º de dezembro de 2019. Sem dinheiro público, só com o financiamento coletivo e o velho e bom cartão de crédito de San Merg, como sou conhecido. Para minha surpresa, era para ser um evento para 50 pessoas e foram quase 300 artistas. Foi o segundo maior evento de quadrinhos, em termos de expositores, do Brasil. Porque começou a ficar grande. (Palmas)

- Passa a se referir a imagens em cartazes.

É por isso que está escrito: “o sonho continua”. Ganhamos todos os prêmios daquele ano de melhor evento de quadrinhos, trabalhando com voluntários. Vou deixar para vocês. Aqui, tenho a foto dos voluntários. A comunidade artística se engajou. Esse foi o cartaz oficial do evento feito pelo Marcatti, naquele ano. Foram 98 cartazes espalhados durante todo o evento de um dia.

Em 2020, íamos fazer um evento *on-line*, bem pequenininho, e, graças ao Danilo, fizemos contatos, e a Juliana Cardoso conseguiu uma emenda de 30 mil reais para pagarmos os palestrantes, porque a homenageada era a Laerte e pagar todo mundo que fez as *lives* pelo YouTube. Nós tivemos quadrinhos africanos, com um pessoal do Guiné Bissau, Moçambique; nós tivemos brasileiros pelo mundo.

Eu não sei se vocês sabem: o pessoal acha que quadrinhos é para crianças, mas, na verdade, têm artistas brasileiros, como um professor da Prefeitura, chamado Marcelo D’Salette, que ganhou o maior prêmio do mundo em quadrinhos falando dos quilombos e João Pinheiro e Sirlene Barbosa, que ganham o maior prêmio na França, com o Festival de Angoulême.

Se eles chegarem aqui, vocês não saberão quem eles são; se eles chegarem na França, haverá pessoas esperando no aeroporto para pegarem um autógrafo.

Então, há muita cultura no Brasil em termos de quadrinhos. Não é só Mônica. Nada contra a Mônica. Mas eu sou mais da Turma do Pererê, porque tenho 50 anos e me alfabetizei com o Ziraldo.

Em 2020, fizemos o projeto. Até hoje, não sei para onde foi o dinheiro. Ele não entrou

na nossa conta; a Secretaria de Cultura não nos deu uma resposta se o nosso projeto falhou em alguma coisa e disse que nunca mais vai fazer eventos.

Neste ano, o Danilo chegou e falou: “Sandro, vamos. Foi legal. Vocês ganharam mais outro prêmio como melhor evento do ano *on-line*”. E, aí, eu, com o vírus de fazer eventos e agitar culturalmente, voltei, mesmo nesta pandemia.

Agora, o que é que a gente vem pedir? Mesa, cadeira e tenda. É só o que gente precisa. Só que, como fez sucesso, nós precisamos de 500 mesas, 500 cadeiras e muitas tendas. O restante, a nós fazemos de graça, seleciona os artistas.

Recentemente, poderia servir de exemplo para a Prefeitura, no 11º Festival Internacional de Quadrinhos de Belo Horizonte, que foi um evento que teve menos do que nós pretendemos fazer neste ano, com apoio da Prefeitura e da Secretaria da Educação, em que as crianças iam de caravana, com seu lanchinho e dois vales de 15 reais para comprarem quadrinhos. Então, neste ano, nós fizemos um evento pequeno, no Instituto Butantan, pela primeira vez, com quadrinhos e com uma pegada infanto-juvenil muito legal, de formação de leitores.

O que a gente pede – respeito e fiz muitos amigos –, é esse apoio, porque não ganhamos absolutamente nada. Inclusive, o *site* onde está hospedado, – aliás, nos sigam: é “butantagibicon” em todas as redes –, butantagibicon.com.br, onde vocês poderão ver os cartazes e fotos, dessa doideira que foi.

Nós pedimos esse olhar para os quadrinhos, que é uma coisa, que para terem uma ideia, eu estava olhando antes de vir falar: um ingresso normal da CCXP custa o mesmo que o Auxílio Emergencial; um ingresso para os quatro dias, custa mais do que um salário mínimo. Os artistas pagam as mesas. O que nós fazemos é um evento gratuito para o público e para os artistas, porque muitos têm o seu “trampo civil”, que paga os boletos e fazem o resto por prazer.

Convido todos para os dias 25, 26 e 27 de novembro deste ano, sempre antes das CCXP. Porque tenho amigos quadrinistas que vinham prestigiar o evento, e, depois, na CCXP. Tenho a certeza de que eles gostaram mais do nosso evento do que lá, porque ficou como um

evento do coração das pessoas.

Pela atenção, muito obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada, Sandro.

Agora será o Rafael Ayres, depois o Clovis.

O SR. RAFAEL AYRES – Boa noite para todo mundo.

Sou Rafael. Minha fala vai ser rápida, porque já está tarde. Sou morador do Jaguaré, mas bem encostado para o lado do Butantã, porque moro na Avenida Jaguaré.

Faço parte do movimento de reabertura do Circo Escola da São Remo, que desde 2020, fechou, no começo da pandemia, por motivos muito esdrúxulos. Dentro dessa luta, em que houve uma briga gigante com a comunidade da São Remo, no sentido de brigar com a USP, para ceder para SMADS. Então, não era um problema da própria Secretaria de Cultura.

Nós conseguimos, junto aos Vereadores, na briga do LOA, que é uma briga gigantesca nas audiências para conseguir verba. Só que uma parte foi parar na Secretaria de Cultura. Então, houve uma rubrica de 200 mil reais, que foi parar na Secretaria de Cultura; nós, também, conseguimos algumas emendas, inclusive, uma federal, do Deputado Padilha, que também foi parar na cultura. Isso tudo no começo do ano, e, até agora, nada se concretizou para lá. Tivemos algumas outras emendas, fruto de muita mobilização. É importante ressaltar que nada vem do céu e da boa vontade. É sempre fruto de mobilização e luta. Todo mundo que falou antes está ressaltando a importância da luta, de estar mobilizado para conseguir as lutas da cultura.

Então, na verdade, o que venho pedir é como nós conseguimos ter acesso a essa verba para reabrir uma parte do circo; por mais que seja um equipamento que hoje esteja, vamos dizer assim, sob a jurisdição da Assistência Social, a gente sabe que é um local de formação cultural importantíssimo, onde desenvolvíamos atividades circenses, de cultura, *shows* da própria comunidade e *shows* de fora. A importância da cultura para aquela comunidade se expandia para toda a região do Butantã, porque vinha gente de outros lugares. Era um lugar em que acontecia a integração, e nós sabemos o quanto, para a região do Butantã, faz falta esse

espaço; um espaço em que se tinha essa possibilidade, por ser um espaço grande, um circo.

Nós sabemos que, em São Paulo, infelizmente, principalmente, a última gestão estava tentando matar as atividades circenses que aconteciam na cidade.

O que nós pedimos, enquanto movimento, por saber que a temos 200-300 mil, com os quais poderia reabrir esses circos, voltar as atividades para as crianças não só da São Remo, mas do entorno, principalmente, do Rio Pequeno, que seria a região que está sendo atendida, mas nós não temos diálogo com a Secretária – acho que essa é uma crítica que os movimentos culturais fazem há mais de um ano. Participo dos movimentos culturais, e nós sabemos que está complicado. Vai, conversa, e o negócio não anda. Nós sabemos que há dinheiro, porque é um negócio que nós batalhamos para ter. Não veio de graça; não veio do céu. É um dinheiro pago com nossos impostos, mas nós não estamos conseguindo acessar.

Nós queremos conseguir usar esse dinheiro que já está numa rubrica e já é nosso por direito, além das emendas que estão destinadas para esse local, também por direito, mas fica esse jogo de empurra. Já falaram bastante sobre a burocracia. Esse é mais um detalhe da burocracia.

Então, era essa a minha fala para ver como conseguimos solucionar essa questão.

Obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada, Rafael.

Agora é o Clovis; e, por último, Alexandre.

O SR. CLOVIS RIBEIRO - Boa noite.

Meu nome é Clovis Ribeiro. Sou daqui, do Butantã. Eu olho para esta casa e lembro há 33 anos. Isso era uma caixa, e nós, artistas, naquela época, olhávamos para essa caixa do Jânio Quadros e conseguimos sonhar com uma casa de cultura. Hoje, vendo esse debate, passa um filme na minha cabeça de que valeu à pena. Mas, às vezes, eu acho que nós estamos acomodados com essa casa de cultura. Há uma demanda muito grande no Butantã. Precisaríamos de umas 10 casas como essa para tanta demanda, porque nós nos acomodamos: aqui é gostoso, confortável, somos bem recebidos, todos os coordenadores que passaram por

aqui sempre foram gente fina, o Danilo é um dos melhores.

E a luta é muito maior. Por exemplo: a casa de cultura fez trinta anos. Eu sou da música, sou da literatura e represento a Rádio Cidadã FM, que é uma rádio comunitária, transmitindo ao vivo. Trinta anos de casa de cultura e nós não tínhamos um livro de poetas que passaram por aqui, que fizeram milhares de saraus e de encontros literários, e nós não encontramos nada de memória. Nesta pandemia, nos trinta anos, resolvi convidar 30 poetas – alguns presentes -, e conseguimos fazer um livro, com o apoio do Danilo, organizamos um livro para cada autor. São trinta exemplares. Estou na luta para aumentar a quantidade desses livros para que cheguem nas escolas, nas pessoas. Trinta anos depois, conseguimos fazer um livro – trinta exemplares para cada autor. É uma vergonha, porque podíamos fazer centenas de milhares desses livros. Quantos poetas não tiveram oportunidade de estarem presentes, por que foram só trinta? Ficou um monte de fora.

Estou com este livro na mão e vou deixar com você, porque eu gostaria muito de ver isso multiplicado nas escolas, nas mãos das pessoas, para que lesem a história do Butantã. Esse é um exemplo do que nós precisamos multiplicar: ideias e iniciativas. Assim como teve a iniciativa dos quadrinhos, nós conseguimos fazer na raça; nós fazemos *shows* e outras coisas incríveis, sempre buscando o apoio público para realizar coisas maiores.

Esta casa está ficando pequena demais para o Butantã, que está crescendo muito. Há 30 anos, a população era outra, como mostram os números. Hoje, somos mais de meio milhão no Butantã, e a demanda é muito grande; é só ir às periferias. Há 30 anos, aqui não era Centro Cultural, era periferia, onde nós nos reuníamos para sonhar e realizar esta casa, mas precisamos sonhar com outras casas, em outros lugares para atender a demanda desse bairro tão grande.

Eu falo em nome da Rádio Cidadã FM, sempre integrada com o Danilo Leite, transmitindo e levando os artistas que vêm até aqui para a rádio, para entrevistas, fazendo essa ponte de comunicação, que é fundamental, porque nós sabemos da importância que há a Casa de Cultura, que já há *status* de Centro de Cultural. Status, sim; verba, não. Nós temos o status, mas não temos as condições. Então, por que não lutar por isso?

É um prazer estar com vocês. Esta conversa não se esgota e eu fico muito feliz de saber que vocês estão nos ouvindo, estão ouvindo esta massa cultural, que tem uma sanha muito grande. É bom saber que, como artista, nós estamos sendo ouvidos, porque normalmente nós só ouvimos “não”, só ouve negativas e coisas difíceis. Por isso, eu me sinto muito feliz de saber que vocês estão ouvindo, que vão pensar sobre isso e que vão nos ajudar a evoluir.

Muito obrigado a todos. Foi um prazer estar com vocês. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada, Clovis.

Tem a palavra o Alexandre Kiabo.

O SR. ALEXANDRE KIABO – Boa noite a todos.

Quero agradecer a todos, das Mesas, das duas Mesas, aliás, que falaram muito bem. Eu sou o Alexandre, conhecido como Kiabo, morador e cria do João XXIII, bairro ao lado.

Eu vou ser muito breve. A primeira coisa que eu quero falar é que nós ainda estamos na pandemia. E muitos desses artistas são a resistência, porque, durante esse período, eles tiveram que se reinventar: muitos sem dinheiro e sem apoio. Todos os coletivos e os artistas que subiram, para falar, são resistência, por terem passado por isso.

Nós também passamos por isso, com o Coletivo Coreto Cultural, do qual eu faço parte. Como o amigo *skatista* falou, nós viemos de um galpão, que era a ocupação de um espaço do sacolão da Prefeitura, em 1999. O pessoal que saiu do galpão formou, em 2015, o Coletivo Cultural, para continuar essa resistência cultural no João XXIII - que é um bairro grande, a englobar o Paulo VI e o Arpoador. Desde 1999, 2000, eu vejo que os problemas são os mesmos: falta de infraestrutura no espaço. Não tinha infraestrutura na ocupação, e sofremos o mesmo tipo de problema com o Coreto Cultural: falta de um banheiro bacana para as minas que colam no “rolê”, que precisam ir aos comércios, ao lado, para usar. A gente, então, só precisa de água, de um banheiro e de um ponto de luz – como falou o camarada do Jaqueline. Nós também temos um ponto de luz do poste que só funciona às 18h, quando a luz do poste acende. Por isso, a gente precisou ter um gerador. Infelizmente, nós passamos por isso, por esses perrengues na quebrada. Isso quando não chega a polícia e fala que o que nós estamos fazendo é bagunça e,

mesmo com a vizinhança apoiando, dizem que é por causa do som alto. Mas, muitas vezes, nós vemos que é ao contrário: que é a vizinhança que pede para ter alguma coisa cultural na praça, que está abandonada. Então, eu acho que isso nós conseguimos fazer.

Quando levamos os nossos aparelhos, o nosso som, sai do nosso bolso. Quando quebra, sai do nosso bolso também, porque nós, muitas vezes, não conseguimos editar ou, quando conseguimos editar, é para um evento só. Então, é resistência mesmo. Muita coisa vem do nosso dinheiro e da ajuda local. O Coletivo Cultural está apoiando o pessoal do encarceramento, do presídio do 19. Nós estamos de olho nos gastos absurdos e, no mínimo, estranhos, que estão tendo lá no presídio. Esse dinheiro poderia estar sendo colocado na cultura, porque nós não queremos mais cadeia. Nós não queremos mais presídio. Nós queremos escola, queremos arte, cultura e educação. Como bem falou o Dinho, é esse tipo de atitude, são essas paradas que transformam o cidadão e o jovem periférico, também.

Eu também queria agradecer e falar que o Coletivo Coreto Cultural faz parte da Mostra Cultural do Butantã. A décima segunda edição aconteceu no ano passado, com a participação de 700 artistas e 140 atividades, em 23 locais. Isso tudo sem nenhuma ajuda, tudo arrecadado entre os coletivos e com o Danilo, da Casa de Cultura, que ajudou o Nelson.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. ALEXANDRE KIABO – Isso, muito bem lembrando: o Fórum de Cultura, além do Nelson e do Pedro, também.

É isso, porque os outros coletivos completaram a minha fala.

Muito obrigado e boa noite a todos. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Muito obrigada, Kiabo. Muito obrigada a todos, todas e todes que falaram com a gente.

Agora, nós iremos ouvir o Poder Público. Vamos começar pela Supervisão, tanto a da Subprefeitura do Butantã como a da Lapa, e depois seguimos com a Secretaria.

A SRA. DAYANNE GODOI DA CRUZ BARBOZA – Boa noite.

Primeiramente, quero agradecer o convite. Eu sou a Dayanne, Supervisora de

Cultura da Subprefeitura do Butantã. Nós estamos sob uma nova gestão há uns quatro meses e me coloco à disposição para o que for preciso; nós estamos abertos ao diálogo. Por isso, sintam-se em casa para irem nos visitar.

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada, Dayanne.

Tem a palavra o Diego.

O SR. DIEGO DA SILVA FRANÇA – Boa noite a todos.

Como Subprefeitura, nós não podemos apenas aprovar, ou não, um evento de vocês. Porque nós não temos infraestrutura, não temos verba para ceder, porque as verbas vêm da Secretaria. Na Subprefeitura da Lapa, faz três semanas que houve a mudança de Subprefeito. O que pode ser feito, como o foco da nossa Subprefeitura, é na economia coletiva e na criatividade: são eventos, como, por exemplo, o *Food Truck* e, também, com o pessoal artesão. Então, caso vocês tenham um coletivo assim e com um público de até 250 pessoas, podem entrar em contato com a Subprefeitura da Lapa, cujo contato vocês encontram no Google, é só digitar: “Supervisor de Cultura Lapa”, que vão aparecer todos os meus contatos.

Estou à disposição para responder a todos.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. DIEGO DA SILVA FRANÇA – O contato pode ser direto no meu celular: (11) 94582-6323 ou por *e-mail*, para onde, de preferência, vocês podem mandar toda proposta do que será feito: diegofranca@smsub.sp.gov.br.

Qualquer dúvida que vocês tiverem, podem entrar em contato. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada, Diego.

Iremos passar, agora, para a representação da Secretaria.

A SRA. AURORA DA SILVA OLIVEIRA – Boa noite.

Meu nome é Aurora e eu estou Coordenadora das Casas de Cultura, há alguns meses. Eu não poderia começar não agradecendo ao Danilo. Muito obrigada, Danilo, você é uma inspiração para mim. (Palmas) É muito importante estar presente para ouvir das pessoas que convivem com a Casa. Quero agradecer à Elma, aos Jovens Monitores, todos os seguranças e

as seguranças, a equipe da limpeza e todo mundo que vem se empenhando para fazer a melhor entrega possível há muitos anos. O Danilo, realmente, é uma inspiração para mim; inclusive, a gente está junto nesse *game*; entramos juntos e estamos resistindo. Obrigada, Danilo, você é demais.

A Casa de Cultura do Butantã é uma das Casa de Cultura que mais e melhor executam o orçamento das Casas de Cultura; inclusive, neste ano, o Danilo bateu alguns recordes. Nós temos feito um estudo orçamentário e temos conseguido aumentar o investimento na programação mensal; e eu concordo com o que foi dito: cultura não é só evento, não é só show. E eu acho que o Danilo tem feito um trabalho muito bom, no sentido de tentar ampliar as perspectivas, as possibilidades e o diálogo com outros distritos que compõem a Subprefeitura do Butantã. Recentemente, ele fez um encontro para podermos ampliar e nós saímos, um pouco, do escopo da Casa; esse é um esforço que temos feito. A Secretária acolheu uma das nossas solicitações para colocarmos a programação mais fora do âmbito, e esse diálogo tem se dado com ela, a partir dos encontros que temos feito, a pedido da Subcomissão de Cultura.

De fato, a gente vem tentando se organizar para, dentro das nossas condições, atender as solicitações e reivindicações que estão sendo postas. Nós estamos muito felizes por termos uma previsão orçamentária, de dois milhões de reais, para executar, até o final do ano, esse novo projeto de expandir a atuação para além das Casas, pensando em pontos específicos.

Mesmo com uma equipe reduzida, ainda assim, nós conseguimos deslocar duas pessoas para cuidar especificamente desse projeto. Há outras pessoas trabalhando, mas elas estão coordenando, para dar tempo de a gente executar isso até o final do ano. Para tanto, pessoas-chave serão contatadas, assim como coletivos e coletividades, com o objetivo de indicar; e as Subprefeituras, através da Supervisão de Cultura, já foram acionadas, também, para contribuir conosco na indicação de lugares e de possibilidades para colocarmos esses eventos para acontecer.

A ideia é que o dinheiro chegue na ponta. Dentro do escopo das Casas de Cultura, nós não conseguimos viabilizar contratação de estrutura. Por isso, estamos pensando em ações

que utilizem o mínimo de estrutura possível, mas que o dinheiro chegue a esse artista da ponta. Assim, eu vou emendar com as reivindicações que foram feitas, em relação à burocracia nas contratações. A gente vem reiterando e a equipe do Núcleo das Casas e a equipe assessoria da Secretaria falaram isso, nos quatro encontros que a estamos participando, sendo este, o quinto. Já foi dito que nós estamos submetidos a todos os órgãos de controle, como o Tribunal de Contas, a Procuradoria Geral do Município e o Ministério Público, e as contratações da Secretaria, como um todo, se baseiam em uma lei federal, a Lei 8666/1993, sobre a qual, inclusive, nós não conseguimos legislar.

Tendo em vista as dificuldades de acesso, nós pensamos em algumas alternativas. Desde a chegada da Aline até aqui, com a assessoria jurídica, construímos uma proposta que conseguimos validar, colocando, na rua, a Portaria 32, que visa à desburocratização, pouco a pouco, a contratação de artistas sem notório reconhecimento público. Então, nós conseguimos eliminar exigências das três notas a partir da Portaria, que já está válida desde abril, e 70% das contratações artísticas das Casas de Cultura já estão se baseando nela; ou seja, nós estávamos favorecendo o acesso. Onde nós identificamos que não chegou em todo mundo, que não tivemos perna para correr e falar que, através dessa Portaria, não foi contratado antes por causa das notas, isso deixa de ser um empecilho, agora, e iremos nos basear na Portaria para as contratações.

Nesse sentido, a partir do início da primeira Audiência Pública até aqui, nós organizamos, no Núcleo das Casas de Cultura, uma formação que já iniciou. Agora, eu estou pensando que é isto: para além de estar nas Casas de Cultura com a equipe que eu tenho, nós ainda precisamos nos organizar para estarmos nos lugares que estão longe das Casas de Cultura. Esse é outro desafio que eu coloco para a minha equipe me ajudar a pensar. Porque, de fato, é isto, como vocês acabaram de dizer: há um monte de gente que não acessa a Casa de Cultura do Butantã, porque o Butantã são cinco distritos, com 500 mil pessoas, e por aí, vai.

Então, a ideia é que vocês apontem, para a gente, possibilidades de locais, e nós nos organizamos – assim como o pessoal do VAI vem fazendo ao longo da sua história –, escolhe

lugares estratégicos e monta uma agenda para estar nesses lugares, de acordo com a Portaria 32, que vem favorecendo o acesso de pessoas. Isso é o que eu tenho a dizer em relação a facilitar o acesso.

Eu sou uma entusiasta de que haja uma Casa de Cultura em cada esquina, e quem me conhece, há mais tempo, sabe disso, mas estando, agora, a vivenciar as dificuldades em torno da previsão orçamentária, que precisaria ter sido feita antes para viabilizar a formação de novos equipamentos culturais, eu posso dizer para vocês que, dificilmente, nós iremos conseguir chegar a esse ideal de uma por bairro. Mas acho que esse é um lugar de reivindicação que eu valido muito e acho que faz muito sentido, porque as Casas têm uma função importantíssima em cada um dos territórios onde elas estão, pois estão atuando, produzindo, fomentando e sendo impulsionadoras das ações em torno da cultura nesses territórios.

Eu acho que o papel da sociedade civil é cobrar e, então, pensarmos junto em estratégias para viabilizar. Na condição em que eu estou agora, eu posso dizer para vocês que não existe previsão orçamentária para fomentar algo deste tipo: alugar casas. É bem mais complexo do que isso. A Prefeitura não pode simplesmente alugar um espaço, sem segurança, sem nada.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. AURORA DA SILVA OLIVEIRA – É isto que eu estou falando: a sociedade civil está exercendo seu papel de cobrar e, então, devemos pensar juntos em possibilidades viáveis para concretizar. Acho que nós estamos presentes para absorvermos a demanda, tentarmos pensar juntos sobre estratégias, mas, com a estrutura que temos hoje, a primeira condição é essa. Eu recebo, diariamente, vários ofícios de Vereadores e até da sociedade civil, através do e-SIC, solicitando novos equipamentos, e eu sempre penso em como são lugares bons, com terrenos bons, com um potencial enorme, mas, ainda assim, nós encontramos empecilhos, nesse sentido. Acho que a questão orçamentária é, mesmo, a primeira que precisamos batalhar em outras instâncias.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. AURORA DA SILVA OLIVEIRA – É sobre isso.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. AURORA DA SILVA OLIVEIRA – Bom, concluindo, acho que é isso, gente.

Do que eu podia responder, é isso.

Outra demanda, que foi levantada na última reunião, foi em relação às ocupações culturais. A Vereadora estava presente, e nós conseguimos articular uma reunião e, já na próxima semana, receberemos representantes do Bloco das Ocupações. Então, eu quero deixar vocês tranquilos nesse sentido, porque isso também foi abordado.

É isso. Quer complementar?

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. AURORA DA SILVA OLIVEIRA – A Camila tem este recado: que a formação a respeito da Portaria e de como ser contratado na Secretaria Municipal de Cultura acontece na Casa de Cultura do Butantã, no dia 13, na semana que vem, às 19h. Então, ampliem, nos ajudem nessa divulgação.

Neste primeiro momento, é isso. Será aqui e, posteriormente, nós agendaremos em outros lugares, para fazer esse bate-papo também.

Obrigada. Boa noite. (Palmas)

O SR. VINÍCIUS DO NASCIMENTO – Bom, boa noite, gente.

Obrigado, Elaine, pelo convite.

Sou Vinícius e eu estou como Coordenador de Fomentos, da Secretaria Municipal de Cultura. É a área de Fomentos que cuida das políticas de fomentos e de linguagens, de culturas artísticas, dentre teatro, circo, VAI, fomento da periferia.

Na verdade, eu tenho um vínculo muito grande com o Butantã, porque eu morei aqui, durante muito tempo, conheço muitas pessoas e muitos coletivos. Então, é muito bom estar presente.

Na verdade, não foi feita nenhuma demanda muito grande para Fomentos, mas eu acho que têm algumas coisas que eu gostaria de falar, principalmente, Jaime, sobre o medo

institucional. Saiba que, na Secretaria de Cultura, o servidor é muito ativista. Ele trabalha, porque ele acredita na política pública. Ele não está lá por causa de um partido e, muitas vezes, ele não está lá nem por causa de um salário, porque ele ganha mal.

Então, esse medo: nós já o ultrapassamos. Porque tentamos fazer o máximo do que é possível, dentro das regras. Porém, nós tentamos, até, de certa maneira, ver outras formas, para além das próprias regras, contornando as próprias regras. Então, esse medo, na verdade, quase não existe. Na verdade, nós lutamos e militamos muito pela cultura, dentro da Secretaria. Mas acho que é uma provocação superválida, nesse sentido. E a gente não representa – vou falar por mim, pelo menos – eu não represento nenhum partido, seja de Direita ou de Esquerda. Eu tenho as minhas convicções pessoais, mas eu entendo que o servidor público do Executivo está presente, acima de tudo, para uma política pública e não para um partido.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. VINÍCIUS DO NASCIMENTO – Não. Posição política não, cara.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. VINÍCIUS DO NASCIMENTO – Está bom. Beleza.

Bom, eu só queria falar sobre dois companheiros. Uma, que estava com problema de 50 mil reais, e a outra, de 200 mil reais. Eu queria ver com vocês, depois, conversar, só para ver o que eu consigo levantar, a fim de entender de onde é esse recurso, para ver o que dá para encaminhar. Não é muito da minha área, mas é só para entender mesmo, para ver no que a gente pode auxiliar, está bom?

E acho que é só isso. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada. Eu queria agradecer ao Danilo... Brincadeira. (Risadas)

Eu já o agradei. Eu fui a primeira a te agradecer hoje, Danilo.

Queria agradecer, mesmo, a todos que estiveram presentes. Acho que é mais Audiência e é bem importante ressaltar, mais uma vez. Eu acho que, como em todas as outras audiências que temos escutado, nós temos ouvido muito o quanto os territórios pedem respeito,

em primeiro lugar, da Secretaria de Cultura, atenção, que a nós consigamos ouvir as demandas dos territórios e o quanto isso é importante. Na área da cultura, isso tem sido uma constante. Inclusive, em alguns lugares nós percebemos, até, o cansaço das pessoas em relação a esse pedido tão primordial, por respeito.

Então, acho que trazer essas audiências tem a ver com isso, do quanto nós entendemos como é importante ouvir. Quero dizer que temos uma previsão, enquanto mandata, de fazer uma reunião de retorno em cada uma das audiências públicas. Nós fizemos a primeira em Cidade Tiradentes. Dela, já tiramos algumas demandas possíveis para acompanharmos. Então, a ideia é, também, que consigamos, enquanto mandata, retornar para o território com algumas das coisas que anotamos e tentar encaminhar; se conseguimos encaminhar alguma coisa para a Secretaria; se conseguimos encaminhar alguma coisa para a supervisão de cultura, para a Subprefeitura. Enfim, o que conseguirmos encaminhar, o tipo de encaminhamento que conseguirmos dar, enquanto mandata. Nós fazemos esse retorno, também.

A Aurora falou um pouco que, dessas audiências públicas, também saem algumas propostas com a própria Secretaria. Então, há algumas reuniões marcadas. A devolutiva é da Portaria, que já foi feita em outras audiências e, também, por conta dos três comprovantes. Então, algumas coisas, conseguimos encaminhar, e é esta a ideia mesmo: que consigamos fazer essa movimentação e consigamos dar respostas, ainda que com todos os limites de gestão; mas que consigamos encaminhar o mínimo possível dessas agendas.

Então, é para isso que estamos à disposição. Reafirmo que faremos uma reunião de retorno, depois, aqui, no território, para falar o que conseguimos encaminhar.

Agradeço, mais uma vez, a presença e a participação de cada um e de cada uma que esteve presente, hoje. Agradeço a presença da Secretaria, das supervisões que estiveram, conosco.

Informo que a nossa próxima audiência pública externa será na zona Leste, na ocupação Mateus Santos, em Ermelino Matarazzo, daqui a 15 dias. E também teremos a nossa reunião da Subcomissão de Cultura na Câmara, na semana que vem.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Eu não sei se a Secretaria quer falar.

A SRA. AURORA DA SILVA OLIVEIRA – Eu não sei se o senhor reparou, mas quando o senhor estava falando, eu chamei o Danilo aqui, ao meu lado. Chamei o Danilo, para entender: “Opa, o que está acontecendo”.

Bom, especificamente, o que eu tenho para dizer. Por exemplo, foi dito que o ideal seria que a Casa de Cultura do Butantã tivesse um orçamento de Centro Cultural sendo que, na verdade, a Casa de Cultura do Butantã executa o dobro do orçamento de um Centro Cultural. Então, eu preciso entender e, aí, eu vou pedir para o Danilo esmiuçar com você, onde é que estão essas reivindicações e como que nós conseguiríamos viabilizar uma melhoria na qualidade do serviço que a Casa está prestando para esse público, que é um público que é superimportante na Casa. Então, vamos sentar com o Danilo e entender melhor onde é que nós podemos melhorar, nesse sentido. Mas, é isso, né. Onde é que podemos usar melhor o recurso que o Butantã já está utilizando à frente de muitas outras casas? Preciso entender como é que nós melhoramos isso. Está bom? Pode ser assim? Sentar com o Danilo e entender, porque eu...

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. AURORA DA SILVA OLIVEIRA – Ah, entendi. “Ih”, Elaine, então, tem que... então, acho que a Subcomissão consegue articular com outras Secretarias. Só um minutinho.

A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Sem problemas. Acho que nós conseguimos enviar, aí... pelo que eu entendi da sua fala, o senhor falou de um programa que existia e não existe mais, né. Eu acho que nós podemos encaminhar, enquanto mandata, um requerimento para entendermos que programa era esse e por que ele não existe mais e, se ele continua existindo, por que não está vindo para cá ou se ele não existe mais. Mas podemos sentar para conversar sobre isso, enquanto mandata, e fazer esses encaminhamentos para a Secretaria a que se destina.

Foi bom o senhor falar isso, porque há uma outra coisa que tem acontecido também

nas audiências e é muito importante. Nesta aqui, também aconteceu bastante, que é falar dessas coisas que são intersecretarias, né. Então, muito se falou de questões que são relativas à Secretaria do Verde também; de questões que são relativas principalmente à Secretaria de Educação, quando falamos dos CEUs, dos problemas que estamos tendo nos CEUs e dizer que da primeira reunião já surgiu isso, na Cidade Tiradentes. Uma demanda bem forte em relação aos parques que a Cidade Tiradentes tem três e dois, são temáticos. E, aí, temos conversado sobre isso e estamos tentando puxar uma coisa que seja mais em relação com as outras Secretarias que não têm participado, porque temos tido muita participação da Secretaria de Cultura nas audiências públicas. A gente convida a Secretaria de Cultura, uma Secretaria da Subcomissão de Cultura, mas também temos pensado em uma estratégia para conversar com outras Secretarias. Porque, em todas as audiências públicas, têm aparecido demandas de outras Secretarias, também. Então, nós já fizemos essa primeira conversa, inclusive, no retorno da Cidade Tiradentes, que tinha uma demanda forte com a Secretaria do Verde. Mas temos pensado nessa estratégia, também, de como podemos dialogar com as outras Secretarias a partir ou da mandata, do gabinete, ou da própria Subcomissão de Cultura. E isso é bem importante que aconteça.

Então, é isso. Eu queria agradecer, mais uma vez, aos trabalhadores da Câmara, que, neste ano, eu os fiz trabalhar a mais do horário por várias vezes. Então, eu queria agradecer ao pessoal da TV Câmara, ao pessoal que trabalha aqui, na Secretaria da Subcomissão de Cultura. Agradeço a todas e a todos. Agradeço ao Danilo, mais uma vez. Muito obrigada ao Danilo. (Palmas)

E nós nos vemos na próxima Audiência Pública, em Ermelino Matarazzo, e na próxima reunião da Subcomissão de Cultura.

Obrigada.

Estão encerrados os nossos trabalhos.